



Investimentos Chineses no Brasil

Uma nova fase da
relação Brasil-China



Sobre a Pesquisa do CEBC

A presente publicação é a primeira de uma série que integra o programa de pesquisas desenvolvido pelo Conselho Empresarial Brasil-China, que tratará de temas relevantes para a formulação de políticas e estratégias, seja por empresas ou órgãos de governo, no âmbito das relações Brasil-China. O intuito da série que aqui se inicia consiste no levantamento de questões que surjam ou adquiram importância e que poderão ser posteriormente aprofundadas com maior fôlego e recursos por institutos de pesquisa e think tanks. O constante monitoramento dos investimentos mútuos faz parte do plano de trabalho do CEBC em 2011.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Embaixador Sergio Amaral, *Presidente do CEBC*

Antonio Barros de Castro, *Consultor Editorial do CEBC*

COORDENAÇÃO

Julia Dias Leite, *Secretária Executiva do CEBC*

Carla Duarte, *Coordenadora Institucional do CEBC*

PESQUISADORES

Édison Renato da Silva, *Coordenador de Análise do CEBC*

André Soares, *Analista Internacional do CEBC*

AGRADECEMOS A COLABORAÇÃO DE:

Claudio Vaz

Dawn Powell

Luis Curi, CEO da Chery Brasil

Mauro Arruda

Mauro Marcondes, Vice-Presidente da Anfavea

Miguel Perez, Chefe de Assuntos Econômicos da CEPAL

Vanessa Sampaio

Yonghong Zhao, Presidente da Baosteel Brasil

Índice

Sumário Executivo da Pesquisa de Investimentos.....	4
Parte I – O Brasil como a última fronteira para investimentos chineses.....	5
Parte II – Caracterizando os investimentos chineses no Brasil.....	7
Parte III – Destaque Setorial.....	10
1 Introdução	
1.1 Objetivo e contexto da pesquisa.....	11
1.2 Estrutura do Texto.....	12
1.3 Dificuldades inerentes ao trato com investimentos chineses.....	12
1.4 Os diferentes graus de efetivação dos investimentos.....	13
2 Parte I – O Brasil como a última fronteira para investimentos chineses	
2.1 A China como fonte de investimento estrangeiro direto.....	14
2.2 A entrada dos investimentos chineses no Brasil.....	16
3 Parte II – Caracterizando os investimentos chineses no Brasil	
3.1 A estrutura de propriedade das empresas chinesas no Brasil.....	22
3.2 O modo de ingresso dos investimentos chineses no Brasil.....	23
3.3 Investimentos chineses por setores da economia brasileira.....	24
3.3.1 Investimentos que expandem o complexo exportador brasileiro.....	24
3.3.2 Investimentos que afetam a política industrial brasileira.....	25
3.4 Distribuição geográfica dos investimentos.....	26
4 Parte III – Destaque Setorial	
4.1 Caracterizando o setor automobilístico chinês.....	28
4.2 Trajetória da Chery.....	30
4.2.1 Perfil da Empresa.....	30
4.2.2 A origem da Chery – Projeto do governo de Wuhu.....	31
4.2.3 A trajetória de internacionalização da Chery.....	32
4.3 Os Planos da Chery no Brasil.....	32
4.3.1 Anúncio pela Chery do investimento no Brasil.....	32
4.3.2 Entrevista com Luis Curi – CEO da Chery no Brasil.....	33
4.4 Análise CEBC sobre o caso da Chery.....	36
4.4.1 Trajetória 1 – Fábrica CKD.....	37
4.4.2 Trajetória 2 – Fábrica com fornecimento local.....	38
5 Perspectivas para 2011.....	40
6 Referências bibliográficas.....	42
7 Apêndices.....	43
7.1 Apêndice 1: Detalhes metodológicos.....	43
7.2 Apêndice 2: Quadro resumo dos investimentos chineses no Brasil.....	47
7.3 Apêndice 3: Reportagens Consultadas.....	48

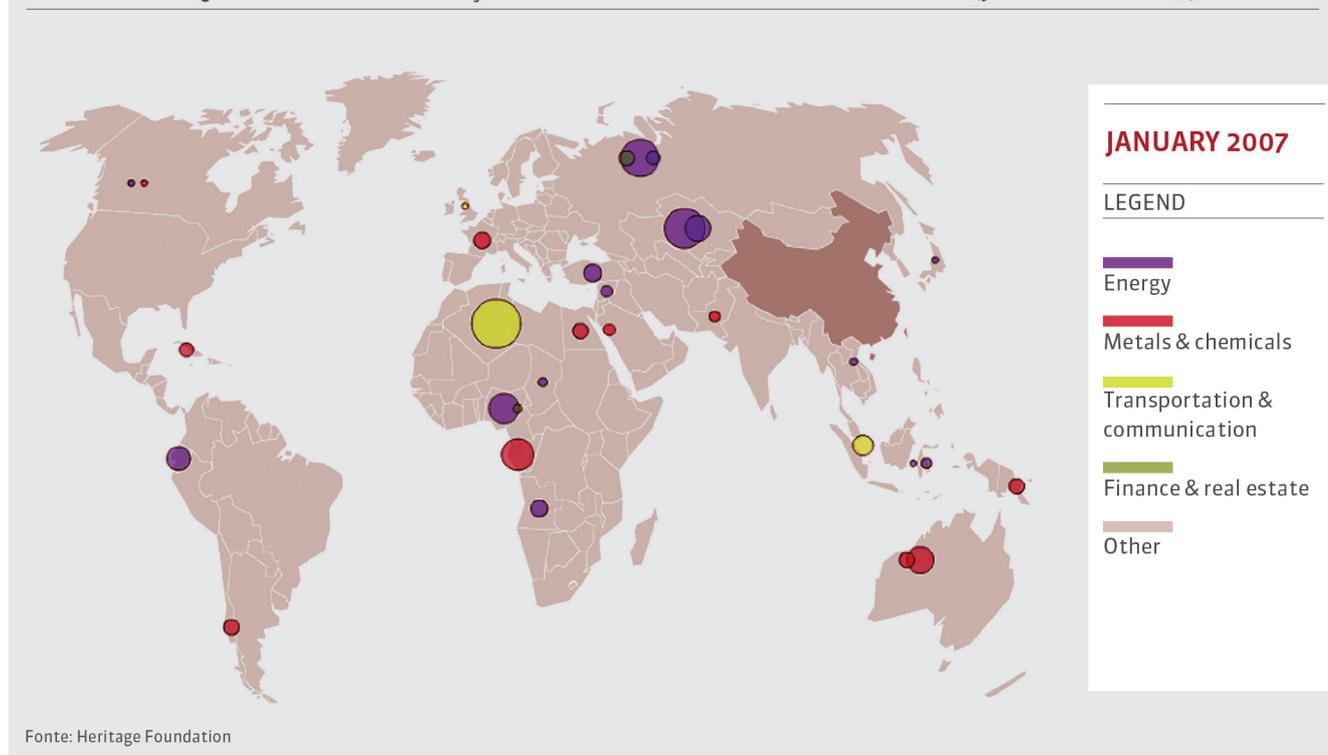
Sumário Executivo

Nesse sumário estão sintetizados os principais dados e conclusões da pesquisa de investimentos chineses no Brasil.

PARTE I – O BRASIL COMO A ÚLTIMA FRONTEIRA PARA INVESTIMENTOS CHINESES

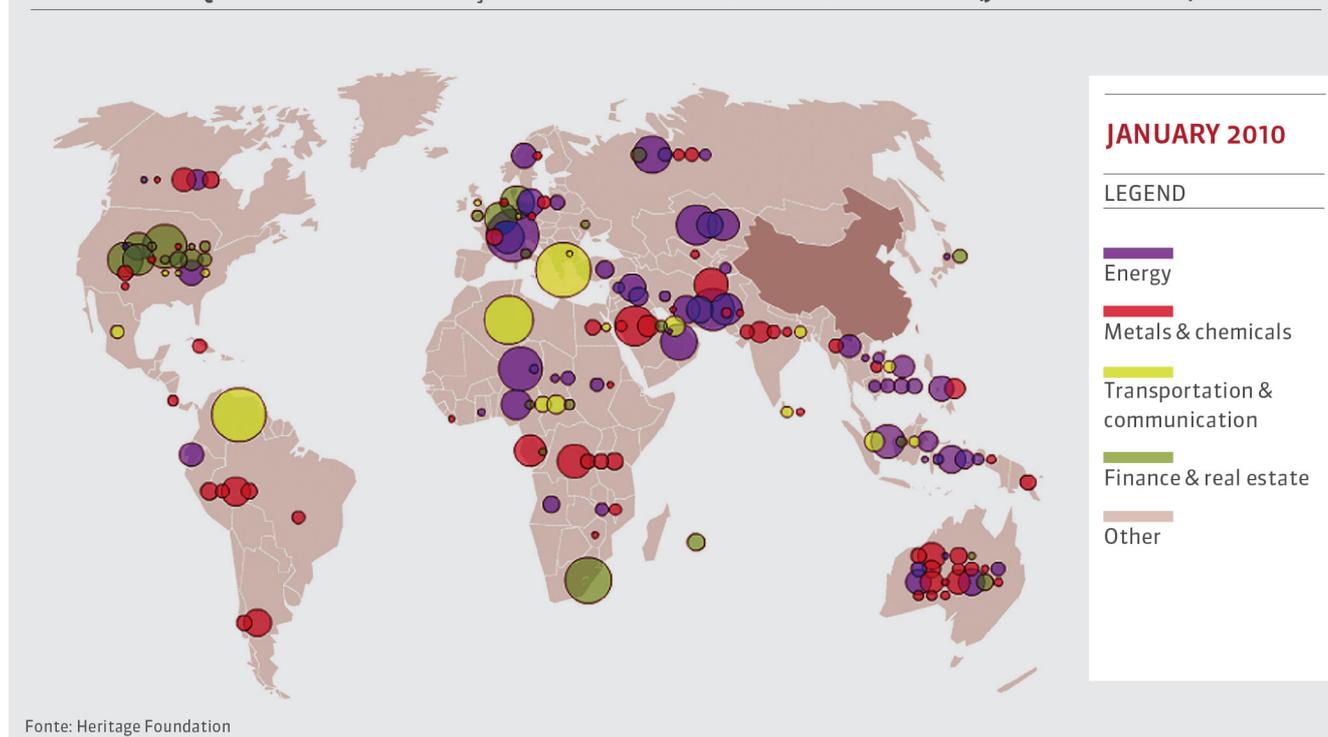
A China começou a atuar como grande investidor estrangeiro externo principalmente a partir de 2007. Até então, como sugere o primeiro mapa, eram relativamente escassos os Investimentos Estrangeiros Diretos (IEDs) da China.

DIAGRAMA ESQUEMÁTICO DA EVOLUÇÃO HISTÓRIA DO IED CHINÊS NO MUNDO (JANEIRO DE 2007)

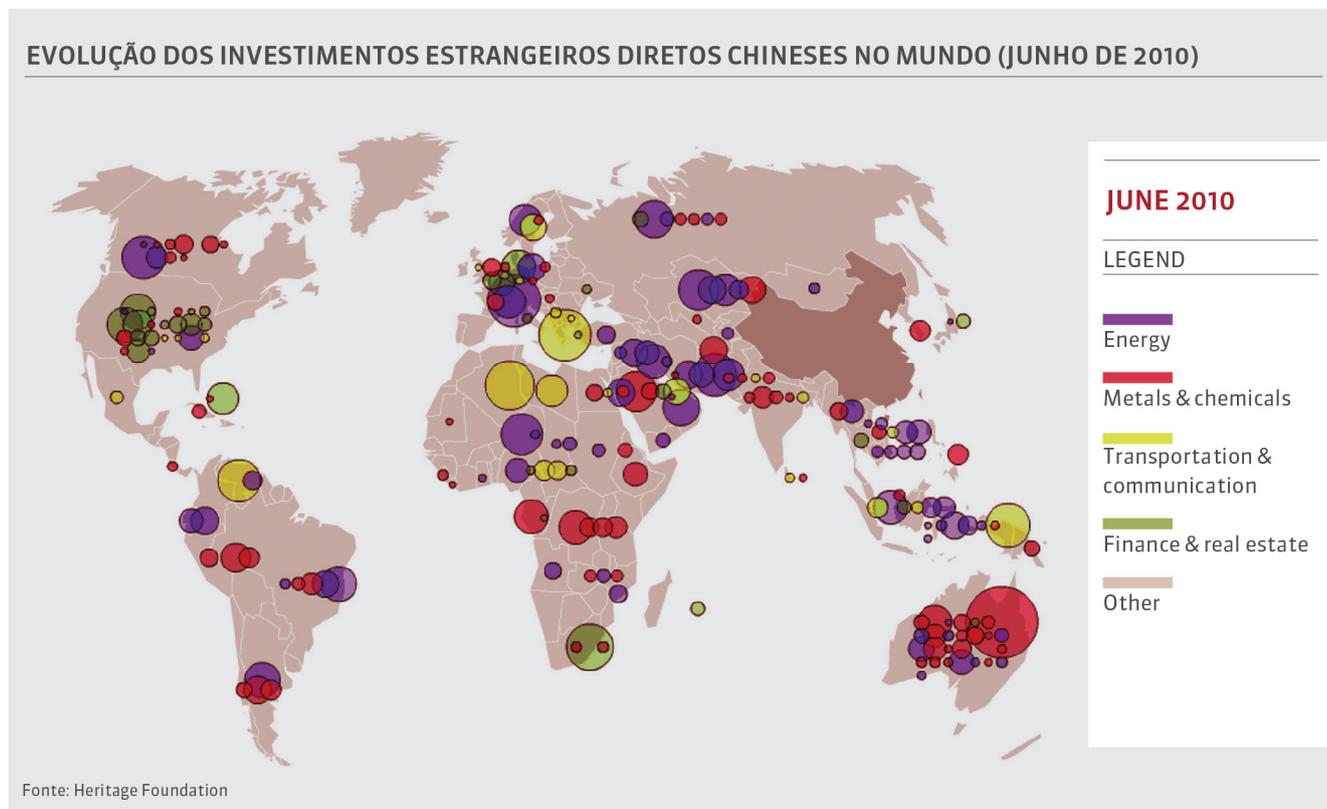


O segundo mapa, de janeiro de 2010, mostra o autêntico salto das aplicações chinesas no mundo.

DIAGRAMA ESQUEMÁTICO DA EVOLUÇÃO HISTÓRIA DO IED CHINÊS NO MUNDO (JANEIRO DE 2010)



O terceiro mapa mostra com clareza que a entrada dos investimentos chineses no Brasil não configura uma situação extraordinária. Pelo contrário, os investimentos no país acompanharam (ainda que defasados) o que já vinha acontecendo em praticamente todas as outras partes do mundo. Observe o leitor que a forte mudança aqui relatada aponta a situação ainda em junho, e não em dezembro de 2010.



A estimativa do CEBC é que o valor investido pelas empresas chinesas em operações no Brasil em 2010 foi de US\$ 12,669 bilhões. Este valor fornece uma boa medida do interesse chinês no Brasil. Obviamente, ele não representa o impacto macroeconômico dos investimentos na economia brasileira, já que a maior parte destes US\$ 12,669 bilhões se refere à troca de controle entre empresas estrangeiras. Se subtrairmos esta, troca de controle, obteremos um número surpreendentemente inferior: US\$ 1,510 bilhões. Insistimos, porém, que o valor que melhor representa o ocorrido nas relações China-Brasil, com todas as implicações que isso pode ter daqui por diante, são os 12,669 bilhões de dólares – já que esse valor marca a consolidação da presença chinesa no Brasil por meio de Investimentos Estrangeiros Diretos.

¹ Estas trocas de controle se referem a três investimentos: a aquisição da petrolífera espanhola Repsol Brasil, pela Sinopec; a aquisição de 40% da exploração de um campo de petróleo pela Sinochem junto à norueguesa Statoil; e a aquisição de sete concessionárias de energia espanholas pela State Grid.

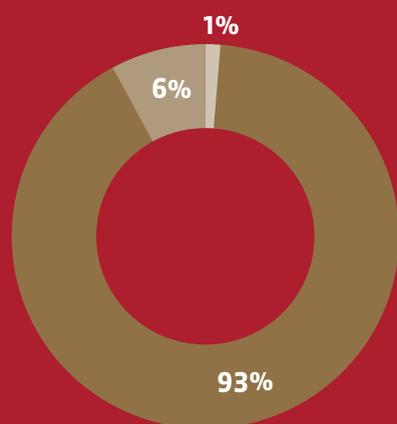
PARTE II – CARACTERIZANDO OS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL

A principal conclusão desta parte do estudo é que os investimentos chineses no Brasil anunciados em 2010 apresentam dois padrões: o primeiro, a inclusão do Brasil na base internacional de fornecimento de recursos naturais para a China. O segundo, a entrada dos chineses no mercado consumidor e no tecido industrial brasileiro.

Como não dispõe internamente da diversidade e do volume necessário de recursos naturais para manter suas taxas de crescimento, a China vem consolidando, há alguns anos, uma base internacional de fornecimento de matérias-primas, a partir da Austrália, Indonésia e países da África. A nova fase do relacionamento bilateral se caracteriza justamente pela inclusão do Brasil nesta base internacional de fornecimento de recursos naturais para a China.

93% do capital dos investimentos no Brasil em 2010 são provenientes de Empresas Estatais Centrais (Central State-Owned Enterprises, ou simplesmente Central SOE). É válido supor que a predominância de empresas estatais não apenas reflete uma das características fundamentais da economia chinesa, como sugere que o interesse da China nestes investimentos não é temporário ou facilmente reversível.

As Central SOE's representam um conjunto de 123 grandes corporações, pertencentes a setores estratégicos da economia chinesa e que estão sob a supervisão direta do governo central. Esta supervisão é feita pela Stated-Owned Assets Supervision and Administration Commission (SASAC), que consiste em uma instituição com status de ministério, autorizada pelo Conselho de Estado a assumir a responsabilidade de investidor do patrimônio estatal nas Central SOE's.

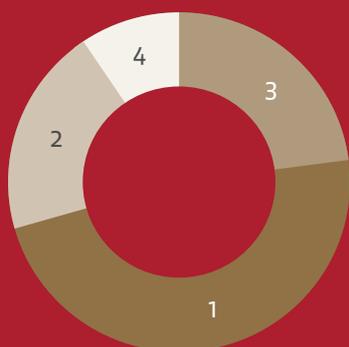


INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL, NOTICIADOS PELA IMPRENSA EM 2010, POR ESTRUTURA PROPRIETÁRIA DA EMPRESA INVESTIDORA



Fonte: Noticiário de Imprensa. Elaboração: CEBC

A maioria dos investimentos chineses anunciados no Brasil entra por fusões e aquisições parciais.

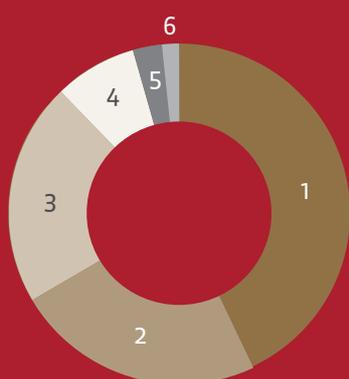


INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL POR MODO DE ENTRADA

1. Fusões e aquisições (Parcial) \$16.579 **46%**
2. Greenfield \$8.094 **23%**
3. Fusões e aquisições (Completa) \$7.579 **21%**
4. Joint-Venture \$3.500 **10%**

Fonte: Noticiário de Imprensa. Elaboração: CEBC

A maior parte dos investimentos anunciados se refere a petróleo e gás, agribusiness e mineração.



INVESTIMENTOS CHINESES ANUNCIADOS EM 2010 POR SETOR DA ECONOMIA

1. Energia (Petróleo e Gás) **45%**
2. Agribusiness **20%**
3. Mineração **20%**
4. Siderurgia **10%**
5. Energia elétrica **3%**
6. Educação **2%**

Fonte: Noticiário de Imprensa. Elaboração: CEBC

Além disto, com a recente dinamização do mercado brasileiro de consumo, estão se multiplicando as aplicações chinesas de pequeno e médio porte na esfera das manufaturas. Destaca-se, neste conjunto, o ingresso de montadoras chinesas no país. O setor automobilístico no Brasil, enquanto cerne da estrutura industrial brasileira, será provavelmente afetado por estas entradas. Estas montadoras ingressam no Brasil para competir no segmento de carros populares, modalidade que caracteriza a indústria montadora do Brasil. Caso a entrada das montadoras chinesas realmente se confirme nos moldes que estão se delineando em 2010, os impactos para as automobilísticas brasileiras e, por consequência, para toda a cadeia automobilística, podem ser bastante severos.

Os investimentos chineses anunciados em 2011 possuem, até o momento, características distintas dos registrados em 2010. Percebe-se um rebalanceamento em favor da indústria e de setores de maior cunho tecnológico. Isto, entretanto, não nega nem contradiz os padrões detectados do interesse chinês em 2010.



INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL ANUNCIADOS PELA IMPRENSA EM 2011

MÊS	EMPRESA ORIGEM	EMPRESA DESTINO	VALOR	OBJETIVO	STATUS	LOCAL	SETOR	ESTADO
Abril	Lenovo	-	Não relatado	A fabricante de computadores planeja criar uma vasta rede de distribuição para "cobrir totalmente" áreas rurais na Indonésia, no Brasil, no México, na Índia e na Turquia durante os próximos três anos, disse Chen Shaopeng, presidente do grupo de negócios de mercados emergentes da Lenovo.	Anunciado	N/A	Eletrô-Eletronico	Área Rural do Brasil
Abril	Huawei	-	US\$ 300 milhões	Instalação de um Centro de P&D	Decidido	Campinas	Telecomunicações	São Paulo
Abril	ZTE	-	US\$ 200 milhões	Construção de um parque industrial em Hortolândia (SP), o primeiro desse tipo fora da China. Planeja contratar outros 2 mil para trabalhar em sua nova fábrica, no interior paulista, numa área de 470 milímetros quadrados. A produção começará em até seis meses.	Decidido	Hortolândia	Telecomunicações	São Paulo
Abril	Anhui Longping High-Tech Seeds	Não decidido	N/A	Dois modelos de negócios: No primeiro, mais convencional, ela fornece a genética das sementes de arroz dominadas nas últimas três décadas de existência para o parceiro local, que multiplica as sementes para comercialização, pagando royalties ao grupo chinês. A segunda possibilidade é a criação de uma joint venture, nas quais as condições seriam discutidas futuramente.	Anunciado	N/A	Agribusiness	N/A
Janeiro	CR Zongshen	-	N/A	Trazer um grupo de fornecedores para operar em sistema modular. Três empresas da China já confirmaram unidades para produzir chassis, assentos e peças plásticas. Fabricantes de outras peças estão em negociação. O grupo espera, com isso, adquirir localmente 45% das peças usadas na produção.	Anunciado	Manaus	Automotivo	Amazônia
Maior	Chongqing Polycomp International Corporation (CPIC)	Fábrica da Owens Corning	Não relatado	Atuar diretamente no mercado brasileiro de reforços de fibras de vidro, produzindo em território nacional, comercializando tais produtos, prestando suporte técnico e incentivando a inovação junto aos clientes, além de estimular novas aplicações do produto.	Decidido	Capivari	Fibras de Vidro	São Paulo
Maior	Foxconn	-	US\$ 3 - 7 bilhões (fábrica de telas)	A primeira seria a produção da Apple, a segunda, a unificação das fábricas que a empresa tem no Brasil em um só local e, a terceira, a fabricação de telas no País. O investimento na fábrica de telas poderia ficar entre US\$ 3 bilhões e US\$ 7 bilhões, segundo Almeida.	Negociação	Jundiá	Eletrô-Eletronico	São Paulo
Maior	Xuzhou Construction Machinery Group (XCMG)	-	US\$ 200 milhões	Construção de um parque industrial na cidade de Pouso Alegre (MG). Em um espaço de 800 mil m ² , a empresa planeja investir na construção de sua primeira fábrica na América Latina, além de um centro de desenvolvimento e pesquisas. A XCMG pretende produzir guindastes, rolos compactadores, motoniveladoras, escavadeiras e pás-carregadeiras. A chinesa planeja fazer do país uma plataforma de exportações para a América Latina.	Anunciado	Pouso Alegre (MG).	Maquinas Pesadas	Minas Gerais
Março	Hangzhou Cogeneration	-	Até US\$ 3 Bilhões	Fabricação de turbina a vapor, máquinas, metalurgia, energia e assim por diante.	Anunciado	-	Maquinas Pesadas	Minas Gerais
Março	Chongqing Grain Group	-	US\$ 4 bilhões	Construção de um complexo industrial para o processamento de soja em Barreiras, uma processadora de fertilizantes e um sistema de armazenagem e logística de grãos.	Decidido	Barreiras	Agribusiness	Bahia

Fonte: Noticiário de Imprensa. Elaboração: CEBC

PARTE III – DESTAQUE SETORIAL

Há duas trajetórias futuras possíveis para a entrada da automobilística chinesa Chery no Brasil (o maior investimento até agora anunciado nesse setor): instalar uma fábrica CKD ou instalar uma fábrica com fornecimento local, o que a Chery afirma preferir.

A empresa manifestou interesse em criar uma operação conectada com o tecido industrial brasileiro, em entrevista realizada com seu CEO, Luis Curi. Em todas as suas operações anteriores, inclusive no BRIC Rússia, a automobilística sempre instalou plantas CKD (Completely Knocked-Down, um arranjo no qual todos os componentes são enviados pela matriz e a filial apenas realiza a montagem – o que mantém a fábrica CKD desconectada do tecido industrial daquele local). É claro, porém, que a mera compra de assentos e pneus não significaria a alteração desta condição.

A decisão, anunciada na entrevista a seguir, é condicionada por capacitação e preços (sobretudo) dos provedores locais.

Estes dois cenários não são necessariamente excludentes: a empresa pode migrar de uma situação para outra. Facilita, em princípio, a transição, o fato de que a Chery adquiriu um terreno de 1 milhão de m² – metade do tamanho da matriz. Mas é útil lembrar que a mera valorização esperada do terreno poderia financeiramente justificar a aplicação.

A Chery é uma empresa estatal, do governo da cidade de Wuhu, na província de Anhui. Apesar de estar próxima a Xangai, a província de Anhui é uma das mais pobres da China. Para suprir estas necessidades e superar os seus desafios locais, desde cedo a Chery declarou possuir uma visão global, começando de fato a exportar no ano de 2001 – quando recebeu a primeira autorização do governo central para a produção automotiva (com a marca Chery) de carros.



1 Introdução

1.1 OBJETIVO E CONTEXTO DA PESQUISA

A presente publicação é a primeira de uma série que integra parte de programa de pesquisas desenvolvido pelo Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC), que tratará de questões relevantes para a formulação de políticas e estratégias, seja por empresas ou órgãos de governo.

O intuito da série que aqui se inicia consiste no levantamento de questões relevantes que surjam ou adquiram relevância e que poderão ser posteriormente aprofundadas com maior fôlego e recursos por institutos de pesquisa e *think tanks*.

Em 2010, um dos temas mais debatidos nas relações Brasil-China foi o salto ocorrido nos investimentos chineses no Brasil. Decidimos, pois, começar pela investigação deste tema.

Como em outras análises, logo descobrimos que é muito difícil quantificar dados de modo seguro nesse terreno. Como será visto, ainda que o CEBC tenha feito sua estimativa do montante investido pela China no Brasil em 2010, permanece a advertência quanto às dificuldades e incertezas inerentes a este tipo de esforço.

Chamamos a atenção do leitor para o fato de que diversas informações colhidas pelos analistas não foram aqui publicadas, em certa medida pelas incertezas que ainda persistem a este respeito. Assim, hipóteses acerca do processo decisório das empresas também serão reavaliadas para chegarmos a um maior amadurecimento.

Complementando este estudo sobre investimentos chineses no Brasil, o CEBC realizará nos próximos meses uma análise sobre os investimentos brasileiros na China. Mais uma vez, nos valeremos da proximidade do Conselho com os atores no relacionamento bilateral para discutir e buscar informações um pouco mais precisas sobre os investimentos. O constante monitoramento dos investimentos mútuos faz parte do plano de trabalho do CEBC em 2011.

Antonio Barros de Castro

Consultor Editorial do CEBC

Édison Renato da Silva

Coordenador de Análise do CEBC

André Soares

Analista Internacional do CEBC

1.2 ESTRUTURA DO TEXTO

O presente texto está dividido em três partes. A primeira trata de inserir a entrada dos investimentos no Brasil em um processo mais amplo, que se caracteriza por um aumento da relevância da China como investidor estrangeiro internacional.

A segunda parte caracteriza os investimentos apenas anunciados e aqueles já em curso no Brasil. Com base no sistema classificatório organizado sobre o estado da arte, a partir da literatura sobre investimentos, realizaram-se análises que apontam as motivações, a forma de entrada, as características proprietárias dos investidores e a destinação dos investimentos no país. Daqui emergem dois padrões de interesse chinês no Brasil, materializados pelos investimentos: Por um lado, está o desejo de participar do amplo e crescente mercado consumidor brasileiro com produtos de maior valor agregado; por outro, a necessidade de incorporação do Brasil à base internacional de fornecimento de recursos naturais para a China, processo este que já vinha se avolumando no aumento da corrente de comércio bilateral nos últimos anos.

Considerando as potenciais consequências da entrada de grandes empresas chinesas na estrutura industrial brasileira, a equipe de análise do CEBC se aprofundou nos investimentos no setor automobilístico nessa primeira publicação desta série de estudos sobre investimentos bilaterais. A terceira seção dessa pesquisa apresenta um raio-x do maior investimento no setor: a entrada da montadora independente Chery. Após a apresentação do perfil e do histórico da empresa, trazemos uma entrevista com o CEO da Chery no Brasil, Luis Curi, seguida de algumas considerações sobre as possíveis trajetórias estratégicas da Chery no Brasil e suas consequências.

1.3 DIFICULDADES INERENTES AO TRATO COM INVESTIMENTOS CHINESES

Ainda que o objetivo deste estudo não seja quantificar os investimentos chineses em 2010, mas explorar características desta nova etapa, é prudente que se considerem as estatísticas oficiais sobre o assunto. Neste propósito, é importante reconhecer os desafios metodológicos que são inerentes aos dados oficiais.

A fonte de dados primária e sistemática para avaliação dos investimentos chineses no mundo é o Ministério do Comércio da China (MOFCOM). Entretanto, os dados do MOFCOM não permitem a quantificação dos investimentos destinados a um determinado país, pois incluem o fenômeno conhecido como *roundtripping* – ou seja, a ida e volta de recursos para Hong Kong². De acordo com informações procedentes da Embaixada do Brasil na China, conversas com técnicos do MOFCOM confirmaram que os próprios chineses enfrentam as mesmas dificuldades para o acompanhamento destes números. As estatísticas de fontes de dados alternativos – como a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) – também enfrentam o mesmo problema, pois se baseiam no próprio MOFCOM³.

Diante destes precedentes, a pesquisa desenvolvida pelo CEBC lançou mão de três recursos. O primeiro foi a consulta sistemática ao noticiário brasileiro, que geralmente anuncia os investimentos principais e de maior vulto, ainda que esta fonte possa não cobrir alguns investimentos de pequeno valor que, se tomados em conjunto, podem tornar-se significativos. O segundo foi entrevistar diretamente as empresas e o governo brasileiro em busca de informações sobre os investimentos. Já o terceiro foi o exame de relatórios financeiros de empresas chinesas e brasileiras e outros tipos de documentos que comprovam ou, ao menos, apontam investimentos diretos no país.

² Para uma explicação detalhada dos mecanismos de *roundtripping*, consulte GengXiao (2004).

³ Problemas relacionados à medição do IED chinês para o mundo, assim como alternativas de contorno, podem ser encontrados em: OECD (2003) e em Morck, Yeung & Zhao (2008)



Com relação ao primeiro recurso – o do noticiário – é importante ressaltar que os números presentes neste estudo se referem a anúncios de investimentos. Assim, é de se esperar que, após o anúncio, siga-se naturalmente um cronograma de aplicações. Com isso, uma redução dos anúncios de um ano para o outro poderá ser observada sem que isto signifique redução do fluxo de investimentos: trata-se apenas de uma fase de transição de meros anúncios para a progressiva execução dos investimentos.

Por fim, cabe lembrar que alguns investimentos são apenas transferência de propriedade, o que implica dizer, que não geram impactos sobre a economia brasileira em um primeiro momento. Ainda assim, eles significam um aumento da presença chinesa no Brasil, sendo portanto objeto de estudo. Esse é o caso da compra de 40% das operações brasileiras do conglomerado espanhol Repsol pelo grupo chinês SINOPEC, bem como da compra de sete concessionárias de transmissão de energia pela State Grid.

1.4 OS DIFERENTES GRAUS DE EFETIVAÇÃO DOS INVESTIMENTOS

É preciso chamar a atenção para os diferentes graus de efetivação entre o conjunto de investimentos estrangeiros reportados na mídia em 2010. Em um primeiro conjunto, alguns que foram apenas anunciados sem detalhamento. Por exemplo, a Dongfeng Motors, uma das maiores montadoras chinesas, noticiou que deve construir uma fábrica no estado de São Paulo, sem divulgar o valor do investimento nem o cronograma de desembolso. Outros investimentos foram referidos como em negociação – como o da Sinopec/Cnooc com a OGX, empresa de petróleo do grupo EBX. Em contraste, há investimentos que já estão decididos e alguns até mesmo sendo realizados. A State Grid, por exemplo, investiu US\$ 998 milhões na compra de sete concessionárias de transmissão de energia e já iniciou sua operação no início de 2011. O gráfico 1 apresenta o volume de investimentos chineses no Brasil em 2010, de acordo com o grau de efetivação⁴.

A estimativa do CEBC é que o valor investido pelas empresas chinesas em operações no Brasil, em 2010, foi de US\$ 12,669 bilhões. Esse valor fornece uma boa medida do interesse chinês no Brasil. Obviamente, ele não representa o impacto macroeconômico dos investimentos na economia brasileira, já que a maior parte desses US\$ 12,669 bilhões se refere à troca de controle entre empresas estrangeiras. Se subtrairmos essa mera troca de controle⁵, obteremos um número surpreendentemente inferior: US\$ 1,510 bilhões.

Insistimos, porém, que o valor que melhor representa o ocorrido nas relações China-Brasil, com todas as implicações que isso pode ter daqui por diante, são os 12,669 bilhões de dólares – já que esse valor marca a consolidação da presença chinesa no Brasil por meio de Investimentos Estrangeiros Diretos.



⁴ O apêndice 2 detalha cada um dos investimentos aqui considerados.

⁵ Estas trocas de controle se referem a três investimentos: a aquisição da petrolífera espanhola Repsol Brasil, pela Sinopec; a aquisição de 40% da exploração de um campo de petróleo pela Sinochem junto à norueguesa Statoil; e a aquisição de sete concessionárias de energia espanholas pela State Grid.

2 Parte I – O Brasil como a última fronteira para investimentos chineses

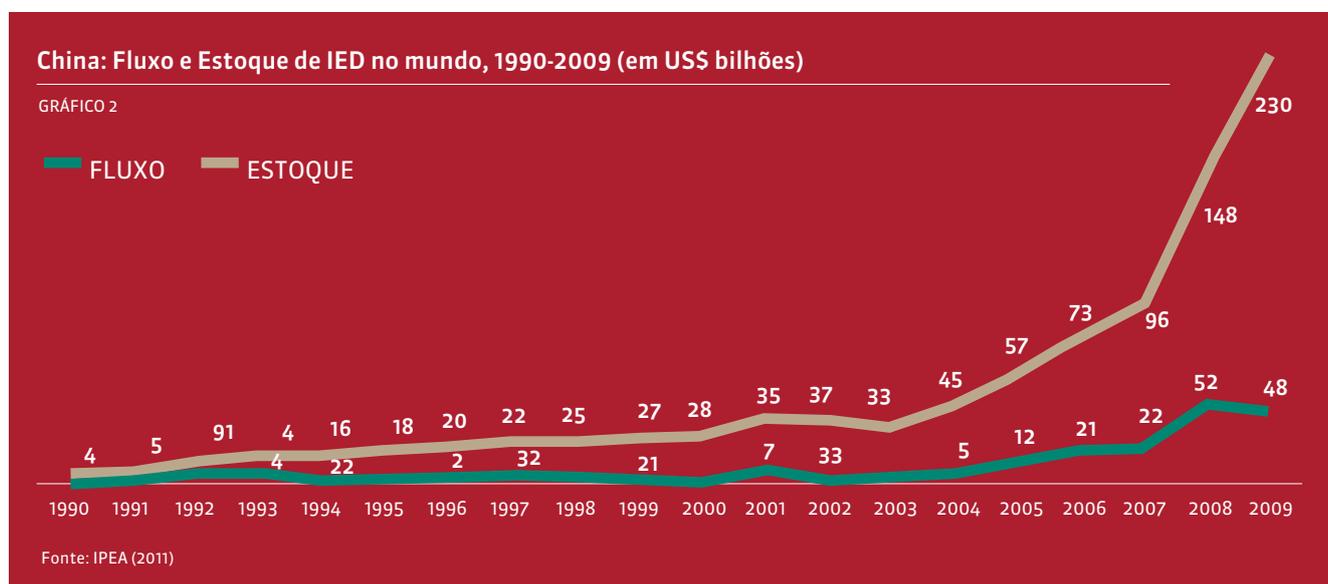
2.1 A CHINA COMO FONTE DE INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO

Como é amplamente divulgado, a China é o maior parceiro comercial do Brasil desde 2009, mas agora começa a se tornar também um grande investidor no país, caracterizando um momento histórico para as relações entre as duas economias.

O que surge como uma grande novidade para a economia brasileira já é, contudo, realidade para outros países. Como pode ser visto pelo Gráfico 2, desde a década de 1990 a China atua como fonte de investimento estrangeiro direto e a partir de 2004, apresenta então um expressivo aumento em seu volume.

Com o objetivo de entender melhor a expansão dos investimentos chineses no mundo, o pesquisador Peter Buckley realizou uma análise histórica do papel da China como fonte de Investimentos Estrangeiros Diretos (IED).

Este movimento se inicia com a política de “portas abertas”, através da qual as firmas estatais chinesas começaram a fazer suas primeiras operações internacionais, momento no qual somente estas são autorizadas a investir. Para o especialista, o governo adotou uma abordagem cautelosa que favoreceu investimentos em know-how e ativos físicos para evitar fluxos excessivos de saída de capital. O autor assinala que, antes de 1984, não havia legislações sobre investimentos estrangeiros diretos. Neste



ano o Ministério do Comércio Exterior e Cooperação Econômica (MOFTEC) criou duas diretrizes para exame e aprovação de propostas para estabelecimento de empresas fora da China. Assim, assinala-se o início do engajamento chinês em iniciativas externas através de escritórios de representação, por exemplo, por parte da Shanghai Machinery Export Company, da China Petrochemical Import-Export Corporation e da China Wukuang Import-Export Company.

Logo em seguida, em uma segunda etapa, o governo chinês estimulou a internacionalização mediante a liberalização de políticas outrora restritivas. Isto permitiu que mais empresas solicitassem o estabelecimento de filiais em outros países desde que dispusessem de capital suficiente, conhecimento técnico e operacional e um parceiro adequado para iniciativas conjuntas – as Joint Ventures. Foram desenvolvidas regulamentações padronizadas para dar conta de todo o processo de aprovação.

De 1992 até 1998, as autoridades de nível subnacional se concentraram em especulação no mercado financeiro e no mercado imobiliário encorajadas pela liberalização doméstica promovida por Deng Xiaoping. Este movimento foi reduzido apenas pela crise asiática de 1997. Como a pesquisa de Peter Buckley indica, preocupações com perda de controle de ativos estatais, fuga de capitais e problemas nas trocas comerciais promoveram um aumento do rigor dos processos de aprovação e uma forma mais severa de monitoramento da internacionalização das empresas chinesas. Nesse período, o total do Investimento Estrangeiro Direto (IED) chinês para o mundo foi de aproximadamente US\$ 1,2 bilhões.

A seguir, tem início a política autodenominada “go global” – ou seja, de ampliação dos investimentos em alcance global. Através dela, foram introduzidas medidas para controlar transferências de

capital ilícitas e direcionar o IED para propósitos genuinamente produtivos. Em paralelo, o IED em indústrias específicas foi ativamente encorajado com benefícios fiscais, assistência para comércio exterior e suporte financeiro direto, notadamente em exportações de matérias-primas, têxteis e equipamentos eletrônicos.

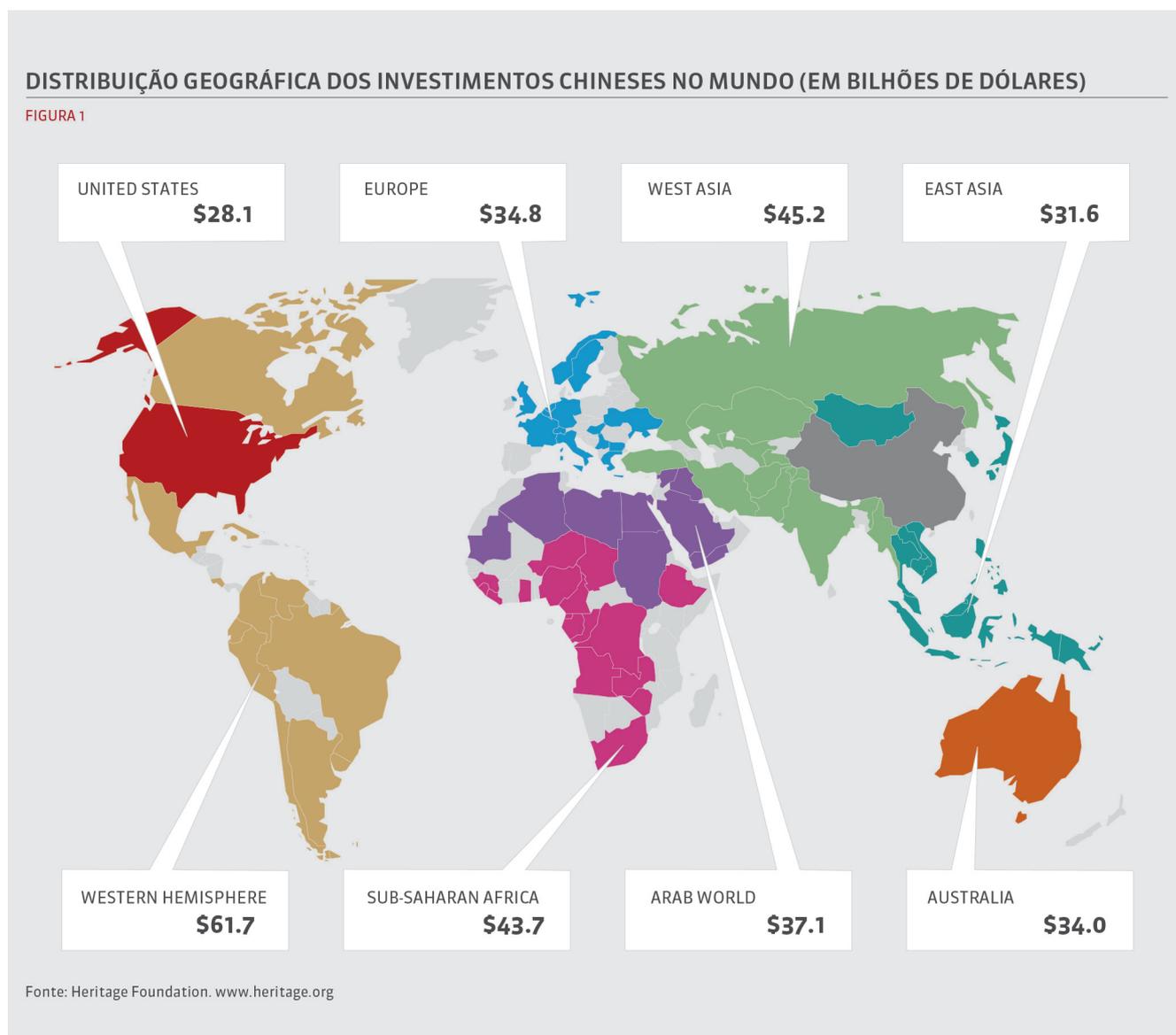
Com o ingresso da China na OMC em 2001, o governo chinês passou a reforçar a importância do “go global” para a economia chinesa, o que veio a ser incorporado no 11º Plano Quinquenal chinês. Entretanto, o apoio direto e pró-ativo do governo ao aumento no IED continua limitado, principalmente para evitar saídas ilegais de capital e perda de controle dos recursos estatais. O pesquisador pontua que as empresas privadas são oficialmente autorizadas a se inscrever para aprovação de projetos de investimentos em outros países a partir de 2003, já que pressões competitivas internas levam algumas empresas chinesas a procurar novos mercados no exterior. Os investimentos mais recentes, para Buckley, indicam que as autoridades chinesas estão se movendo de um processo de aprovação pré-investimento para um sistema de registro pós-investimento.

A impressão de Buckley é de que muito pouca atenção tem sido dada à posição da China como investidora mundial, o que ocorre pela enorme importância da China como receptora de investimentos. Nos anos 90, a China recebeu quase US\$ 29 bilhões em investimentos, mais de 7% do total mundial. Para alguns países, no entanto, (Austrália em particular), isto não é verdadeiro. Este não seria o caso do Brasil, onde somente em 2010 o estoque de capital chinês começa a ganhar peso relativo.

2.2 A ENTRADA DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL

O instituto de pesquisa Heritage Foundation realizou um levantamento sobre os principais projetos de investimentos chineses no mundo no período de 2005-2010. A figura 1 representa a distribuição geográfica dos investimentos chineses.

e consumo da sua população. Recentemente este problema se tornou o primeiro determinante para as escolhas de investimento chinês, cujo principal destino foi a África. A explicação, como notamos, é a busca por recursos naturais.



Os investimentos chineses mundo afora parecem buscar ativos que saciem as demandas da economia chinesa, muito dinâmica. Como é bem sabido, um dos problemas estruturais da China é a falta de matérias-primas para atender à necessidade de produção

Hoje, um terço do abastecimento de energia da China vem da África. Uma pesquisa de 2008 indica que nos últimos cinco anos, a China iniciou uma série de acordos com diferentes países africanos, destacando-se US 938 milhões investidos pela China

⁶ Brown (2008: 158-159)

International Trade and Investment Corporation (CITIC) para montar uma fábrica de alumínio no Egito e US\$ 230 milhões gastos em uma mina de ferro-cromo na África do Sul. Durante o Fórum China-África, em 2006, no qual 47 dos 53 chefes de estado africanos participaram, a China concebeu um fundo com mais de US\$ 5 bilhões para investir em infraestrutura e zonas industriais africanas.

Com relação aos países asiáticos mais próximos a China, os investimentos estão massivamente voltados para a construção de fábricas de empresas chinesas. Pesquisas apontam que a Malásia possui cenário favorável com mão de obra a baixo custo, além de ser culturalmente próxima à China, ofertando espaço para que as empresas chinesas produzam de modo eficiente e ganhem escala⁷.

Por contraste com o que vimos até aqui, na Europa, em especial na França, os investimentos concentram-se em eletrônicos e equipamentos de telecomunicação⁸, enquanto na Alemanha existe uma concentração nas indústrias de maquinaria e eletrônicos. No Reino Unido, as aquisições chinesas estão voltadas para a indústria automotiva. Além disso, grandes empresas chinesas, como Haier, Lenovo, Huawei, possuem centros de pesquisa localizados na Europa. Como tendência geral, pode-se dizer que a busca por ativos estratégicos e conhecimento caracteriza os investimentos chineses nos países europeus.

Nos EUA, os investimentos são divididos entre a busca por mercados e a busca por tecnologia. Gliberman & Shapiro (2009) comentam que as empresas chinesas tendem a realizar aquisições nos EUA para, assim, se beneficiar das capacitações já geradas por seus parceiros americanos. Santiso (2008) afirma que a América Latina é a uma das regiões de maior complementaridade com a China em termos de recursos naturais⁹. Em Cuba, os chineses buscam níquel; no Chile e Peru, a procura é por cobre, enquanto que na Venezuela e no Equador, majoritariamente petróleo.

O mapa a seguir sintetiza o avanço chinês pelo mundo, de janeiro de 2005 a janeiro de 2010, deixando claro que o Brasil ainda não figurava nos interesses de investimento da China, ainda que o restante da América Latina já fosse alvo dos investimentos.

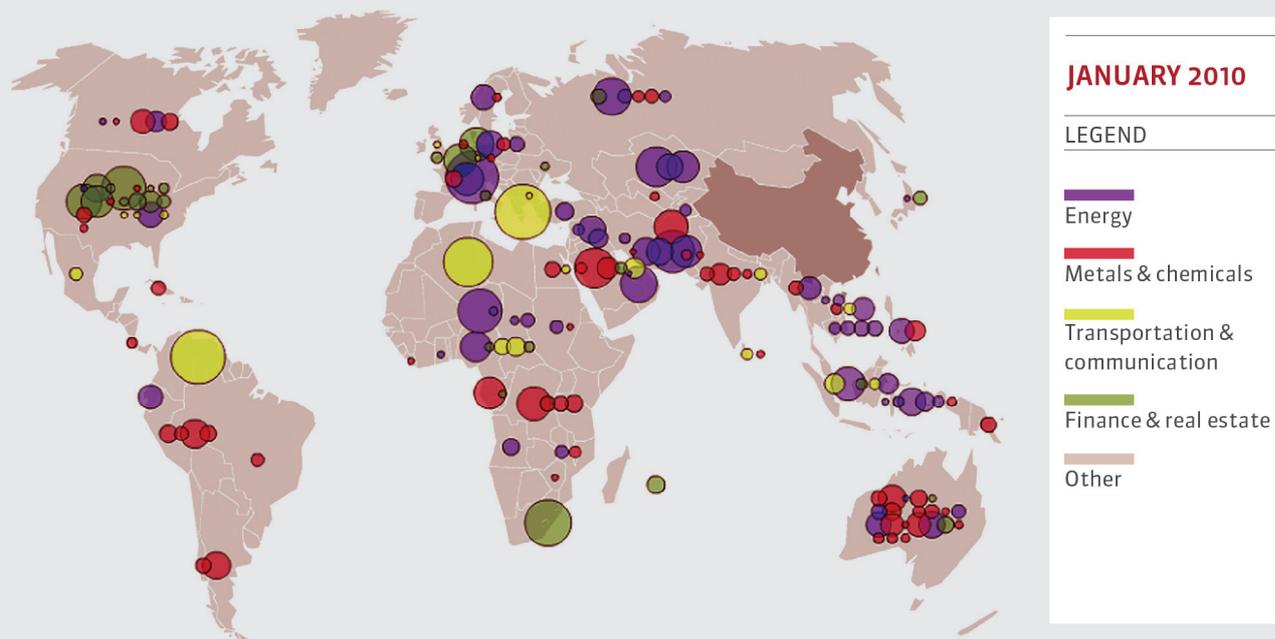
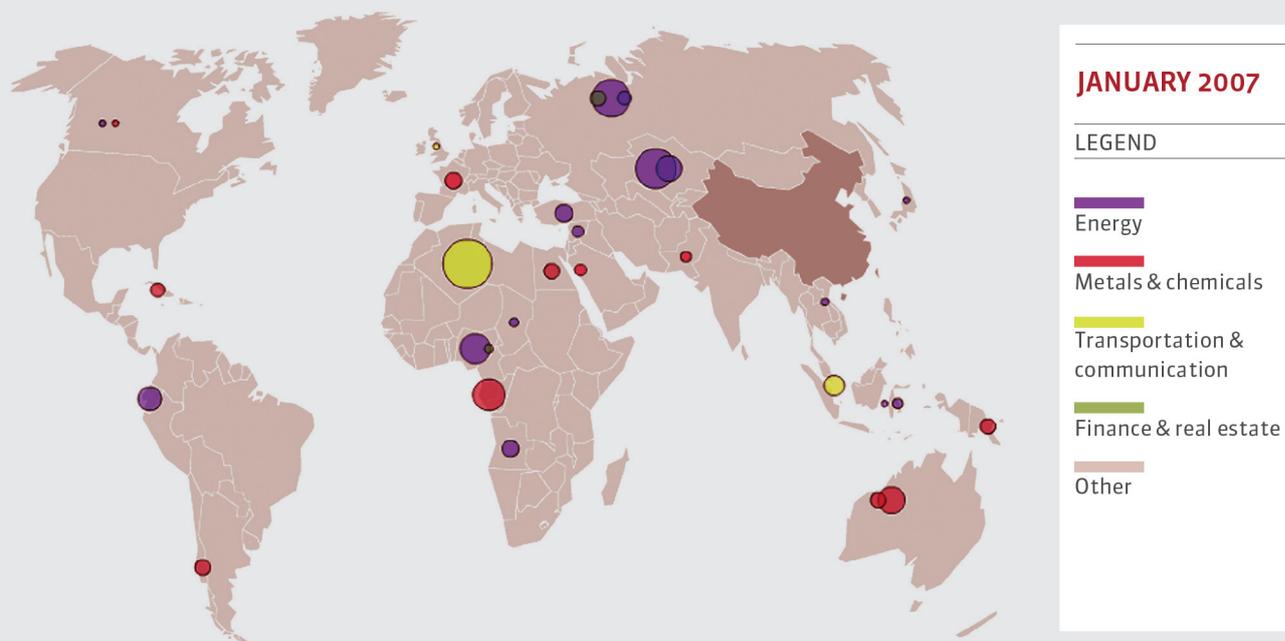
⁷ Yusuf & Nabeshima (2009).

⁸ Sobre os dados relativos aos países, ver respectivamente: França – Nicolas (2010); Alemanha – Handtke (2009); Reino Unido - Nicolas & Thomsen (2008); Europa - Zeng & Williamson (2007).

⁹ A esse respeito, ver também Holland & Barbi (2010).

DIAGRAMA ESQUEMÁTICO DA EVOLUÇÃO HISTÓRIA DO IED CHINÊS NO MUNDO (2007-2010)

Figura 2



Fonte: Heritage Foundation



Em um estudo recente, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) divulgou as estatísticas dos investimentos chineses na América Latina. Como pode ser visto na tabela 1, o Brasil, que representava 3,5% dos investimentos chineses de 1990 a 2009, cresceu para 62,7% em 2010. Em relação aos anúncios de investimentos que pretendem se concretizar a partir de 2011, o país responde por 43,4%. O estudo também dá destaque ao aumento dos anúncios de investimentos chineses no Peru.

INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS DIRETOS CHINESES EM ECONOMIAS SELECIONADAS

TABELA 1

PAÍS	CONFIRMADAS				ANUNCIADAS (A PARTIR DE)	
	1990-2009		2010		2011	
	US\$ MILHÕES	%	US\$ MILHÕES	%	US\$ MILHÕES	%
Argentina	143	1,9%	5550	36,4%	3530	15,5%
Brasil	255	3,5%	9563	62,7%	9870	43,4%
Colombia	1677	22,9%	3	0,0%
Costa Rica	13	0,2%	5	0,0%	700	3,1%
Ecuador	1619	22,1%	41	0,3%
Guyana	1000	13,6%
México	127	1,7%	5	0,0%
Perú	2262	30,8%	84	0,6%	8640	38,0%
Venezuela	240	3,3%
Total	7336	100,0%	15251	100,0%	22740	100,0%

Fonte: Adaptado de CEPAL (2011)

3 Parte II – Caracterizando os investimentos chineses no Brasil

No período anterior a 2005, os investimentos chineses no Brasil não possuíam vulto significativo, consistindo em pequenos investimentos orientados pelo planejamento estratégico pontual das empresas chinesas. O Brasil representava, ainda, uma fronteira a ser alcançada pelos interesses daquela economia.

Essa fronteira foi finalmente superada no ano de 2010, quando assistimos a um expressivo aumento dos anúncios de investimentos chineses no país, momento em que a China passou a incorporar as trocas com o Brasil às necessidades da sua economia.

O salto verificado neste volume de investimentos chineses no Brasil anunciado pela imprensa, é um importante indicador do surgimento de uma nova fase no relacionamento bilateral. Além de um aumento de 52% na corrente de comércio entre os países no período 2009-2010, a mudança assinala um novo e importante componente: a chegada de um expressivo volume de investimentos estrangeiros diretos.

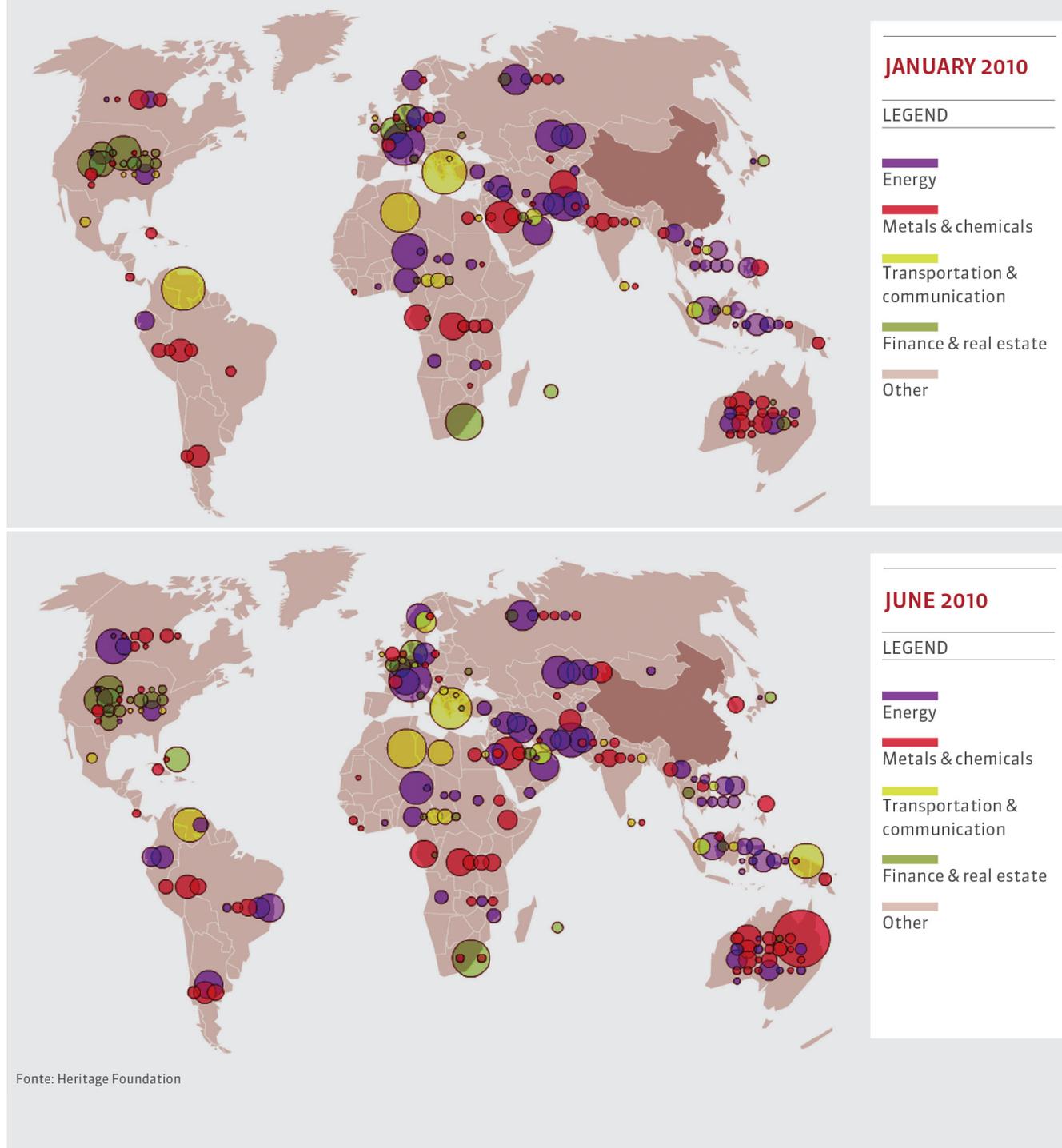
Como não dispõe internamente da diversidade e do volume necessário de recursos naturais para manter suas taxas de crescimento, há alguns anos a China consolida uma base internacional de fornecimento de matérias-primas a partir da Indonésia, Austrália e países da África, sobretudo. A nova fase do relacionamento bilateral se caracteriza justamente pela inclusão do Brasil nesta base internacional de fornecimento de recursos naturais para a China.

Como se vê na figura 3, a entrada dos investimentos chineses no Brasil não confere ao país um caráter extraordinário se observarmos as suas diretrizes históricas. Pelo contrário, o país apenas acompanhou, ainda que tardiamente, o que já ocorria em outras partes do mundo: a entrada de expressivos investimentos chineses.



EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS DIRETOS CHINESES NO MUNDO (JANEIRO A JUNHO DE 2010)

Figura 3

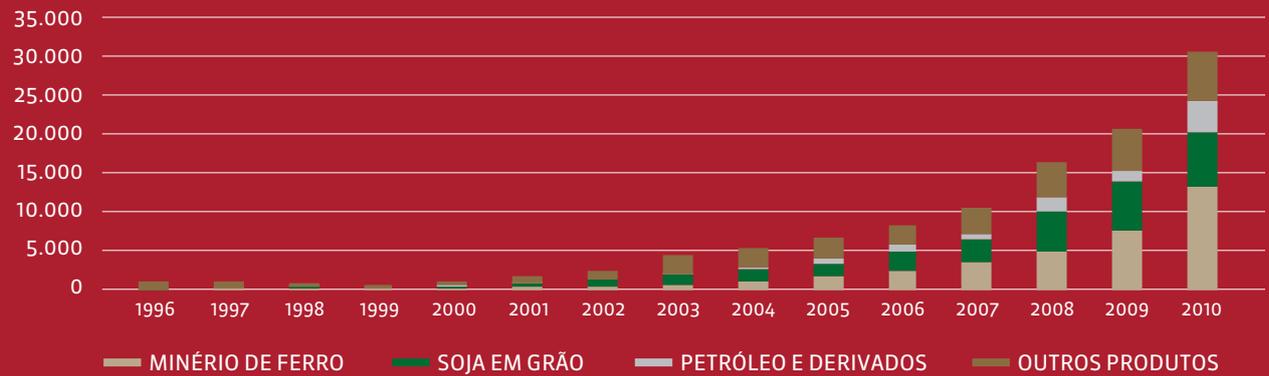


É notório que os sintomas deste movimento já estavam sendo evidenciados com o explosivo aumento do volume de exportações para a China, desde 2004, como pode ser visto no gráfico 3. A grande mudança consiste em um aprofundamento dos novos e expressivos investimentos chineses. Como será apresentado, eles se concentram nos setores de

mineração, petróleo e gás e infraestrutura (ferroviária e portuária), que resultam no aumento dos ganhos e redução dos custos segundo as projeções. Além disso, com a recente dinamização do mercado brasileiro de consumo, estão se multiplicando as aplicações chinesas de pequeno e médio porte na esfera das manufaturas.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA A CHINA (1996-2010)

GRÁFICO 3



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Elaboração: CEBC.

3.1 A ESTRUTURA DE PROPRIEDADE DAS EMPRESAS CHINESAS NO BRASIL

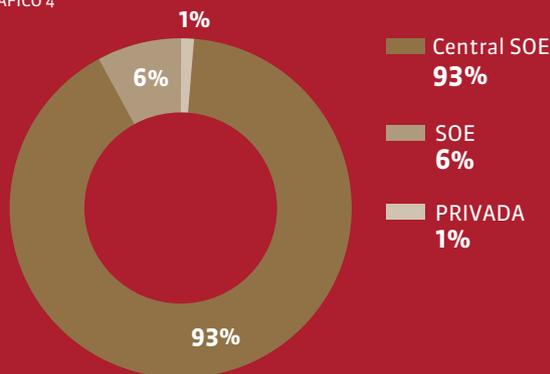
Sobre a estrutura de propriedade das empresas chinesas que anunciaram sua entrada no Brasil no ano passado, deve-se destacar que 93% do capital investido têm origem em um tipo de empresa classificado como Central SOE.

As Central SOE's (*Central State-Owned Enterprises*, empresas estatais centrais) representam um conjunto de 123 grandes corporações, pertencentes a setores estratégicos da economia chinesa e que estão sob a supervisão direta do governo central. Essa supervisão é feita pela Stated-Owned Assets Supervision and Administration Commission (SASAC), que consiste em uma instituição com *status* de ministério, autorizada pelo Conselho de Estado a assumir as responsabilidades de investidor do patrimônio estatal nas Central SOE.

Além disso, o governo chinês faz uma distinção dentre essas 123 empresas, selecionando um conjunto de 23 empresas classificadas como “a Espinha Dorsal da China”. Destas 23, que são tidas como os pilares da economia chinesa, oito anunciaram investimentos no Brasil. São elas: COFCO¹⁰, CNOOC¹¹, Dongfeng Motors, State Grid, China Railway Construction, Baosteel, Sinopec e Sinochem. Esse conjunto de empresas anunciou no Brasil, em 2010, investimentos somados de US\$ 21,560 bilhões.

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL, NOTICIADOS PELA IMPRENSA EM 2010, POR ESTRUTURA PROPRIETÁRIA DA EMPRESA INVESTIDORA

GRÁFICO 4



Fonte: Noticiário de Imprensa. Elaboração: CEBC

¹⁰ China National Cereals, Oils and Foodstuffs Corporation.

¹¹ China National Offshore Oil Corp.

O restante do valor investido em 2010 está relacionado a empresas classificadas como estatais centrais (SOE) ou empresas privadas. O capital do estado geralmente é representado por uma província ou cidade. Parte da sua estrutura de propriedade pode ser negociada em bolsa de valores, já que possuem também uma maior autonomia gerencial. Esse é o caso de empresas como JAC, Chery, Xuzhou Construction Machinery Group e Chongqing Grain Group.

A entrada de tantas empresas estatais centrais para a economia chinesa no tecido produtivo brasileiro pode ser indicador de um interesse estratégico e orientado pelo governo chinês, um processo que não é meramente temporário, nem mesmo facilmente reversível.

3.2 O MODO DE INGRESSO DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL

Tradicionalmente distinguem-se três diferentes modos de entrada de investimentos em um país: **a) Fusões & Aquisições** – compra total ou parcial de empresas situadas no país por um investidor estrangeiro, **b) Joint Ventures** – parcerias estratégicas entre empresas, que envolvem participação acionária das mesmas na criação de uma nova empresa com uma finalidade específica e **c) Greenfield** – construção de instalações totalmente novas no país de destino por um investidor estrangeiro, que tem o controle total da construção e operação dos ativos.

A maior parte dos investimentos chineses anunciou entrada no Brasil por meio de Fusões & Aquisições parciais, como assinala o gráfico a seguir. Uma explicação para esta preferência pelas aquisições parciais, geralmente minoritárias, são as dificuldades derivadas dos contrastes culturais entre os dois países que, por sua vez, nos ajudaria a entender porque os investimentos em *Greenfield* são tão menores. Um estudo francês¹² e um similar italiano¹³ reforçam que os investimentos chineses também se dão, prioritariamente, por meio de Fusões & Aquisições nestes dois países. Nesses casos, as aquisições foram facilitadas pelos impactos nacionais da recente crise econômica mundial.

Na modalidade Fusões & Aquisições, vale destacar a compra de 40% das ações da Repsol Brasil pela Sinopec, no valor de US\$ 7,1 bilhões, que resultaram na criação da Repsol Sinopec Brasil. Já a Wuhan Iron Steel Group anunciou a criação de uma *Joint-Venture* com o grupo EBX para a instalação de uma siderúrgica no Norte Fluminense no valor de US\$ 3,5 bilhões. Os investimentos em *Greenfield* aparecem em menor volume. Por exemplo, a Chery investiu US\$ 400 milhões para a construção de uma fábrica no interior de São Paulo.



¹² NICOLAS (2010).

¹³ PIETROBELI et al (2010).

¹⁴ Os percentuais se referem aos montantes dos investimentos e não à quantidade de investimentos realizados em cada modo de entrada.

3.3 INVESTIMENTOS CHINESES POR SETORES DA ECONOMIA BRASILEIRA

No debate sobre o impacto dos investimentos chineses na economia brasileira, é importante distinguir os investimentos que refletem direta e imediatamente a excepcional demanda chinesa por produtos primários e aqueles que entram para competir com o sistema industrial brasileiro.

3.3.1 INVESTIMENTOS QUE EXPANDEM O COMPLEXO EXPORTADOR BRASILEIRO

No gráfico 6 podem ser notadas evidências de que os investimentos chineses estão predominantemente voltados para a integração em curso das duas economias, agora também por meio de investimentos. Este gráfico apresenta a distribuição do total de investimentos chineses, anunciados em 2010, por setores da economia. Observa-se que um único setor manufatureiro de peso – o siderúrgico – representa simultaneamente a indústria e o processamento de recursos naturais.

O gráfico aponta que os setores de *agribusiness*, energia e mineração são absolutamente prioritários para os investimentos chineses. O aumento de 70%

e 202% das exportações de minério de ferro e de petróleo e gás para a China, respectivamente, no último ano, também contribuem para demonstrar que os chineses estão dispostos a inserir definitivamente o Brasil em sua base internacional de fornecimento de recursos naturais.

Esta conjuntura gera alguma inquietação entre empresários e governo. Pode-se esperar algum rebalanceamento em favor da indústria em um futuro próximo. Nesse sentido, em março de 2011, foi anunciada, em Minas Gerais, a abertura de uma linha de crédito de US\$ 3 bilhões pela Hanzhou Cogeneration. A empresa definirá ainda os investimentos a serem concretizados, que possivelmente incluirão a produção de turbinas a vapor, máquinas, terminais rodoferroviários, entre outras aplicações – o que aumentaria o peso relativo do processamento industrial de matéria prima por parte de empresas chinesas no país.

No atual padrão preponderante dos investimentos chineses, o interesse é expandir e dinamizar o complexo exportador primário brasileiro. Há dois tipos de investimentos que contribuem para este objetivo.

Por um lado, a entrada dos chineses no controle (seja total ou parcial) de empresas brasileiras de exploração de recursos naturais aponta para uma estratégia de aumento do volume de produção para a ampliação do fornecimento destas matérias-primas para o país.



Este é o caso da Sinopec, que adquiriu a Repsol Brasil, e da WISCO, que negocia a compra da Passagem Mineração, obtendo o direito de exploração sobre a Jazida do Morro de Santana.

Outros investimentos indicam o fortalecimento do complexo exportador brasileiro através de melhorias da infraestrutura, resultando em maior eficiência. Por exemplo, há os casos do financiamento de parte dos equipamentos do Superporto Sudeste, no valor de US\$ 1 bilhão, promovido pelo China Development Bank para a LLX e da compra do “Projeto Salinas” pela Honbridge Holdings junto à Votorantin Novos Negócios, que inclui a exploração de minério e a construção de um mineroduto de 500 quilômetros e de um porto em Ilhéus (BA).

Principais intenções de investimentos da estatal chinesa WISCO no Brasil, noticiados em 2010

- Anúncio da aquisição da Passagem Mineração, obtendo o direito de exploração sobre a Jazida do Morro de Santana, por US\$ 5 bilhões;
- Compra de 21,5% da MMX, por US\$ 400 milhões, que prevê fornecimento de 50% da produção de minério da Unidade de Serra Azul para a Wisco;
- Instalação de siderúrgica no Super Porto de Açu, com 70% de participação da Wisco na joint-venture com a EBX, por US\$ 3,5 bilhões. As empresas se comprometeram, em acordo, a buscar financiamento no China Development Bank e no BNDES para a realização do projeto.

3.3.2 INVESTIMENTOS QUE AFETAM A POLÍTICA INDUSTRIAL BRASILEIRA

Além dos já apresentados investimentos no complexo exportador brasileiro, há um segundo padrão de investimentos chineses anunciados em 2010, que merece destaque. Estes investimentos, embora menos significativos quando comparados com o primeiro grupo, podem ter forte impacto na evolução da indústria brasileira. Destaca-se neste conjunto o ingresso de montadoras chinesas no país. Estas montadoras entram no Brasil para competir no segmento dos carros populares, modalidade que caracteriza a indústria montadora do Brasil. Os concorrentes chineses possuem características extremamente desafiadoras, como recursos tecnológicos avançados, típicos de modelos de luxo, não obstante, preços mais baixos do que os concorrentes da indústria brasileira na mesma categoria. Caso a entrada das montadoras chinesas realmente se confirme nos moldes que estão se delineando em 2010, os impactos para as automobilísticas brasileiras e, por consequência, para toda a cadeia automobilística podem ser bastante severos.

Pelo menos US\$ 620 milhões já foram anunciados por três das maiores montadoras chinesas: JAC, Chery e Dongfeng. O setor automobilístico no Brasil, enquanto cerne da indústria brasileira, provavelmente será afetado por estas entradas.

3.4 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS INVESTIMENTOS

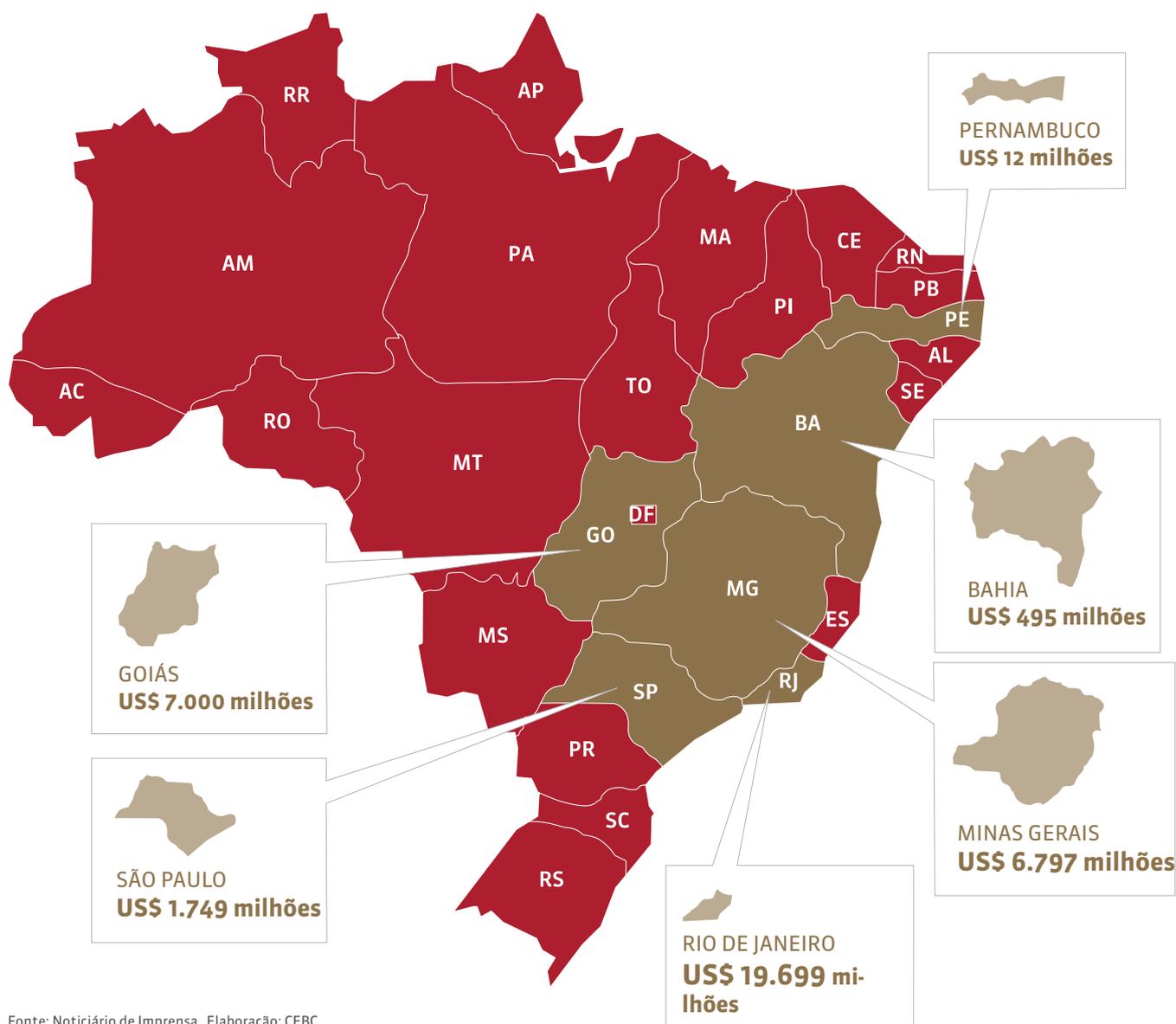
Os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais se figuram como os principais destinos de investimentos das empresas chinesas, como pode ser visto no Gráfico 7. Esta presença está associada à concentração dos grandes investimentos em extração de petróleo e minério de ferro nestes estados. Já os investimentos chineses de menor porte, nos setores automobilístico, eletroeletrônico e outros de transformação manufatureira, encontram-se e se manterão mais dispersos pelo país.

Por sua vez, a compra direta ou indireta de terras brasileiras para agricultura por empresas estrangeiras, concentrada predominantemente

nos Estados da Bahia e de Goiás, é um tema de alta sensibilidade política. O assunto foi trazido à discussão pela revelação de grandes aquisições de terra, tais como a compra pela Chongqing Grain Group de 100 mil hectares por US\$ 300 milhões, na Bahia. A questão desperta polêmicas e motiva decisões de governo, tanto no Brasil quanto no Canadá e Austrália, principalmente. Parece haver, a este respeito, um consenso em formação: os países precisam de uma legislação e de instituições fortes capazes de distinguir e caracterizar com clareza oportunidades e ameaças derivadas da venda de terras para grupos estrangeiros.

INVESTIMENTOS CHINESES POR ESTADO (US\$ MILHÃO)

GRÁFICO 7



Fonte: Noticiário de Imprensa. Elaboração: CEBC

4 Parte III – Destaque Setorial

A intenção desta parte é destacar um conjunto de casos dentre os setores que apresentaram maior representatividade nos investimentos. Além da grande novidade da entrada dos automóveis chineses, seria abordado um caso sobre a mineração, além de outro tratando o importante tema da produção de grãos diretamente destinados à China. Também examinaríamos o significado do investimento em distribuição de energia elétrica, realizado pela State Grid. Na prática, os esforços empreendidos nesses últimos três não alcançaram resultados tão significativos, por diversos motivos. Em mais de um caso trata-se apenas de uma transferência de ativos, e não de um investimento em sentido estrito. Em outros casos, existem apenas intenções e anúncios. Desta forma, fomos levados a concentrar nossa pesquisa naquilo que constitui uma interessante e efetiva novidade no panorama brasileiro: a chegada de investimentos em automobilística.

No ano de 2010, montadoras chinesas, como a Chery e a JAC, anunciaram investimentos no mercado brasileiro. A primeira delas já tem 73 concessionárias e um projeto anunciado para instalação de uma fábrica. A segunda também possui ampla rede de concessionárias, com 50 unidades. Pode-se afirmar, portanto, que o mercado brasileiro de automóveis entrou no radar das empresas independentes chinesas.

No texto que se segue será apresentada uma caracterização do setor automobilístico chinês, seguida de uma descrição da trajetória da Chery. A seguir, será considerado o ingresso da Chery no Brasil, sendo, então, destacada uma entrevista feita com o Diretor-Executivo (CEO) da companhia. O texto se encerra com uma sumária reflexão sobre o possível significado da chegada dos automóveis chineses no Brasil.

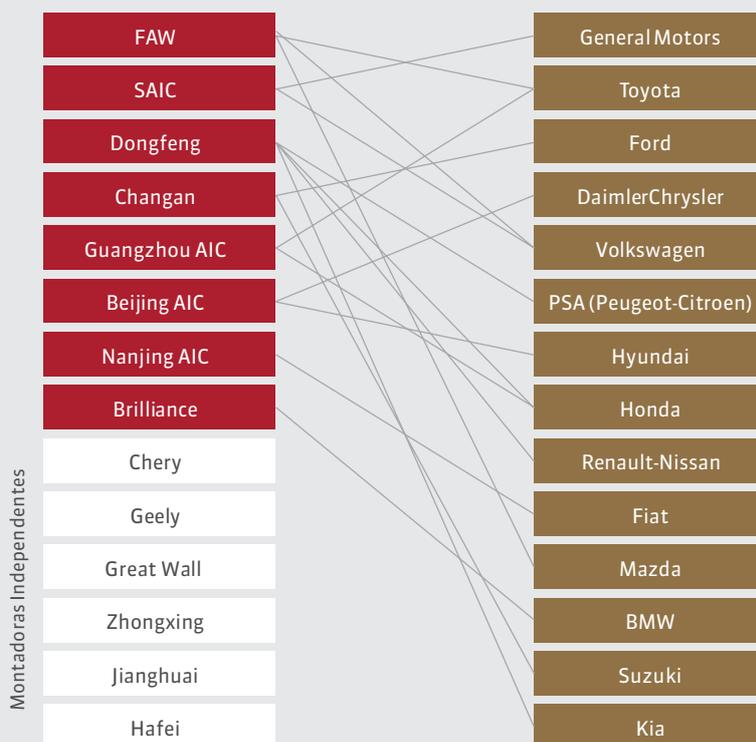
4.1 CARACTERIZANDO O SETOR AUTOMOBILÍSTICO CHINÊS

Em 2010, a China superou o número de 70 milhões de veículos registrados contra cinco milhões, em 1990, e sua produção anual atingiu o patamar de 18 milhões de carros, segundo os dados de 2010 do China's State Statistical Bureau. Até a década de 1990, podia se afirmar que o país carecia de tecnologia para a produção, assim como de uma rede de fornecedores aptos a suprir os componentes necessários para a montagem dos veículos. A arrancada, frequentemente referida como "a modernização" foi apoiada por um conjunto de políticas do governo

central, especificamente a de 1988 e a de 1994, que tinham como objetivo a consolidação patrimonial, a aquisição de tecnologia e a entrada de investimento estrangeiro direto. Toda montadora estrangeira que almejasse ingressar no mercado chinês deveria se associar a uma montadora nacional, trazer consigo uma rede de fornecedores e transferir tecnologia para seu parceiro chinês. Essa abordagem focada em parcerias internacionais fez com que se formasse, na China, uma teia de *Joint Ventures*, como pode ser visto na figura 4.

RELAÇÕES ENTRE EMPRESAS AUTOMOBILÍSTICAS ATUANTES NA CHINA

FIGURA 4



Fonte: Chin (2010)



Grandes estatais chinesas como a First Automobile Works (FAW), Shanghai Automotive Industrial Company (SAIC), Changan (Chana), Dongfeng e Beijing Automotive Industrial Company (BAIC) possuem, em conjunto com seus parceiros internacionais – Volkswagen, GM, Ford e Toyota –, a maioria do mercado automobilístico chinês (86% em 2010). A Figura 5 apresenta os principais clusters de produção de automóveis na China.

adiante comentadas. No segundo aspecto, relativo à tecnologia, a independência está associada à capacidade de projetar os principais componentes do carro, como o powertrain (motor e transmissão). As grandes estatais, por outro lado, se utilizam de motores de seus parceiros parceiros – por exemplo, os carros da SAIC possuem motores Volkswagen ou GM.



No entanto, existe também um conjunto de montadoras chinesas (no qual a Chery está incluída) que não possuem um parceiro internacional. Essas são chamadas montadoras “independentes”. Independente, nesse caso, não significa desvinculado do governo. Empresas como Chery e JAC também são estatais. A independência refere-se a dois aspectos: marca e tecnologia de projeto de produto.

No primeiro aspecto, as grandes montadoras chinesas, como FAW e SAIC vendem seus carros com a marca de seus parceiros internacionais. Já as independentes possuem sua própria marca, o que traz importantes consequências, mais

Essas características possibilitam às independentes algumas opções estratégicas, como produzir carros com baixo valor de mercado ou focar em segmentos de menor poder de compra. Em termos de participação de mercado, as independentes vêm ganhando força na China, aos poucos. Em 2004 representavam aproximadamente 5% das vendas e, no ano passado atingiram mais de 14% do mercado chinês. A Tabela 2 apresenta as principais montadoras e seu volume de vendas no mercado interno. A Chery, nesse quadro, aparece em destaque com a maior participação de mercado dentre as independentes.

PRINCIPAIS MONTADORAS CHINESAS PARA CARROS DE PASSEIO EM 2010

TABELA 2

RANK	MONTADORAV	ENDAS EM 2010V	ENDAS EM 2009	CRESCIMENTO	PARTICIPAÇÃO DE MERCADO EM 2010
1	Shanghai GM	1.038.900	708.000	46,7%	9,4%
2	Shanghai VW	1.001.000	728.000	37,5%	9,1%
3	FAW VW	870.000	670.000	29,9%	7,9%
4	Beijing Hyundai	703.000	570.000	23,3%	6,4%
5	Dongfeng Nissan	661.000	519.000	27,4%	6,0%
6	Chery	618.000	500.000	23,6%	5,6%
7	BYD	520.000	448.000	16,1%	4,7%
8	FAW Toyota	506.000	417.000	21,3%	4,6%
9	Great Wall	397.300	225.000	76,6%	3,6%
10	Changan Ford	411.000	316.000	30,1%	3,7%
Independentes	(Chery, BYD, GreatWall)	1.535.300	1.173.000	30,9%	14,0%

Fonte: Baseada em CAMM (2010). Elaboração: CEBC.

É importante chamar atenção a dois aspectos das independentes: a liberdade para buscar mercados no exterior e a sua orientação para buscar mercados com menos poder de compra. Apesar de, em termos percentuais, a participação de empresas independentes na China não ser bastante significativa, isso muda ao se comparar seu volume absoluto de vendas com o mercado em outros países. Por exemplo, somente o *market share* das empresas independentes chinesas é próximo ao total do mercado brasileiro em 2010: 2,4 milhões de automóveis.

Muitas dessas empresas independentes adotaram a estratégia de internacionalizarem-se cedo na medida em que possuem a liberdade para vender seus carros em outros mercados. JAC e Chery, por exemplo, são empresas com aproximadamente 10 anos de existência, com produtos já encontrados em mais de 50 países. Um caso intermediário é o da BYD, que possui sócio internacional, mas cultiva sua independência a partir de seu domínio sobre a tecnologia de baterias, razão pela qual se apresenta muito bem posicionada para o lançamento de carros elétricos.

4.2 TRAJETÓRIA DA CHERY

4.2.1 PERFIL DA EMPRESA

Fundada em 1997, a Chery Automobile Ltda. é a maior montadora independente da China. Sediada na cidade de Wuhu, província de Anhuí, a Chery está presente em 80 países; tem 15 unidades produtivas; e emprega aproximadamente 25 mil funcionários em todo o mundo. Com tal base já constituída, a empresa tem alcançado resultados significativos no mercado internacional: é a única fabricante de automóveis a conquistar uma posição entre os 200 maiores exportadores da China, destacando-se por oito anos consecutivos como a campeã nacional de exportações no setor.

LOCALIZAÇÃO DA PROVÍNCIA DE ANHUI NA CHINA

FIGURA 6



Fonte: CEBC

4.2.2 A ORIGEM DA CHERY – PROJETO DO GOVERNO DE WUHU

A Chery originou-se de um projeto automotivo do governo da cidade de Wuhu, na província de Anhui. Apesar de estar próxima a Xangai, a província de Anhui é uma das mais pobres da China, sem o costume de abrigar grandes indústrias pesadas. Na década de 1990, em um contexto de alta lucratividade na indústria automobilística chinesa em função das novas medidas que o governo central, estava colocando em prática para desenvolver o setor, os governantes da cidade foram à procura de oportunidades para desenvolver a economia local.

Em 1995, surgiu a primeira grande oportunidade para os governantes de Wuhu. Enquanto visitavam feiras de automóveis na Europa, foram informados de que a Ford Inglesa possuía uma linha de montagem de motores para vender. Em 1996, essa linha foi comprada por 25 milhões de dólares e transferida para a China.

Outro ponto relevante da trajetória da Chery foi a chegada de Yin Tongyao, seu atual presidente. Yin era natural de Anhui e fora por, 12 anos, engenheiro da FAW e gerente da linha de montagem da FAW-VW Jetta. Além de conhecimento sobre a produção de carros, Yin também trouxe consigo uma equipe de alta qualificação da FAW para a Chery. Nesse momento, no qual a FAW produzia apenas carros para Volkswagen, a proposta da Chery era ousada: a produção de carros nativos chineses, objetivo bastante atraente em termos de desafios para os engenheiros locais.

Em função das medidas da política industrial de 1994, que visavam a redução do número de empresas no setor, a Chery não conseguiu a licença para a produção de carros. Dessa forma, a empresa optou, em março de 1997, por criar um conjunto de empresas que produziam componentes para carros, formando a Anhui Automotive Part Industrial Company (AAPIC). Embora o projeto de desenvolvimento da indústria automotiva, em Wuhu, não estivesse de acordo com a orientação do governo central, a nova empresa contou com total apoio da província de Anhui. Xialai Zhan – principal assistente do prefeito de Wuhu e depois prefeito da cidade – foi o primeiro presidente da AAPIC. Mesmo sem a licença do governo central para a produção de veículos, em 1999, a empresa começou a produção de seu primeiro modelo em projeto, o sedan Qirui (Chery).

Em 2000, mais de dois mil carros haviam sido produzidos. Como estes ainda não poderiam ser vendidos para o público

em geral, a prefeitura de Wuhu decidiu que as empresas de táxi da cidade utilizariam somente o modelo Chery.

No mesmo ano, o governo central descobriu que a AAPIC estava produzindo carros sem a licença e ordenou que a fábrica fosse fechada. Para sobreviver às exigências de regulamentação, a prefeitura de Wuhu entrou em negociação com o governo central e cedeu 20% da propriedade da AAPIC para a SAIC (maior montadora chinesa na época). Formou-se, assim, a SAIC-Chery Automobile Company. Como resultado, a Chery conseguiu a licença para a produção de carros e também manteve sua autonomia administrativa. Em contrapartida, cedeu 20% de seus lucros para a SAIC. Outro efeito imediato à fusão com a SAIC foi o aumento do conhecimento da marca Chery no mercado chinês. Vender carros com a marca da SAIC induziu os clientes à crença de que os carros possuíam a mesma qualidade que os da grande montadora de Xangai.

O ingresso da China na OMC em 2001 foi um momento importantíssimo para a trajetória da Chery, pois o governo chinês teve de flexibilizar as regulamentações para se adequar às necessidades dessa filiação. O controle estatal do mercado automobilístico chinês, contrário às práticas necessárias para a entrada na OMC, teve que ser progressivamente reduzido, abrindo espaço para as leis de oferta e demanda e, por consequência, para as empresas cujo crescimento e/ou internacionalização dependia de autorizações do governo. Desta maneira, a partir de 2001, a Chery obteve licença para a produção de carros independente da SAIC.

O evento decisivo para a separação entre a Chery e a SAIC ocorreu em 2003. Nesse ano, a Chery lançou seu subcompacto, o Chery QQ, seis meses antes de a GM lançar o modelo Spark. A GM alegava que o Chery QQ era uma cópia do Spark, o que evidentemente causou uma controvérsia desconfortável com a SAIC, principal parceira da GM na China. Diante disto, a empresa americana pressionou a SAIC a impedir o lançamento do Chery QQ. Entretanto, essa pressão obteve pouco resultado, já que a SAIC não possuía autonomia sobre a administração da Chery. Com o intuito de amenizar o conflito com a GM, a SAIC optou por vender sua participação de volta para a Chery. Assim, em setembro de 2004, a Chery voltou a ser uma empresa independente, de propriedade do governo de Anhui.

4.2.3 A TRAJETÓRIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA CHERY

Desde cedo, a Chery declarou possuir uma visão global, começando de fato a exportar no ano de 2001 - quando recebeu a primeira autorização do governo central para produzir carros.

Diante da retração do mercado chinês, em 2004, a Chery optou por se voltar mais fortemente para a exportação. Isso pode ser visto pelo salto no volume de exportações da empresa: de 1.100 unidades em 2003 para 50.000 em 2006. Neste último ano, a empresa de Wuhu foi responsável por 50% das exportações de carros na China. Voltou-se para países como Iraque, Irã, Egito, Argélia, Líbia, Bengala, Cuba e Malásia, mercados menores e menos sofisticados, onde os carros da Chery seriam bem aceitos por possuir um preço acessível.

A opção pela instalação de unidades CKD (Completely Knocked Down) no exterior complementa a estratégia de internacionalização. Uma fábrica CKD consiste em uma linha de produção na qual todos

os componentes necessários para montar o produto são fornecidos pela própria matriz da empresa. Desta forma, a empresa mantém o controle sobre a qualidade dos componentes, assim como o controle de custos e preços. Por outro lado, países como Irã, Egito e Argélia, que não têm um setor automotivo desenvolvido, não possuem rede de fornecedores de componentes necessários para suprir a demanda de produção de um carro. Essa característica confirma a opção da Chery pela montagem de CKD no exterior.

A estratégia teve início em 2003, quando a Chery fechou um projeto com a Irã SKT Co. para instalar uma fábrica CKD com capacidade de cerca de 50.000 automóveis. A Chery forneceu a tecnologia de produto, assim como de montagem da linha de produção. Hoje a empresa conta com 11 fábricas CKD no exterior, em países como Irã, Malásia, Ucrânia, Rússia, Egito, Indonésia, Tailândia e Uruguai.

4.3 OS PLANOS DA CHERY NO BRASIL

4.3.1 ANÚNCIO PELA CHERY DO INVESTIMENTO NO BRASIL

A Chery Brasil já possui 73 revendas no Brasil e está ampliando sua rede rapidamente para oeste, o sul e o norte do país. Com o crescimento constante da demanda do Brasil para os veículos Chery, a empresa pretende investir em uma fábrica em Jacareí (SP). Foram realizadas pesquisas em profundidade em seis estados, considerando diversas variáveis macroeconômicas com influência sobre a decisão de localização da planta e de sua operação.

A decisão tomada pela Chery levou em consideração o fato de São Paulo e Jacareí estarem localizadas no centro do mercado brasileiro de autoconsumo e de já haver na região uma cadeia de abastecimento de automóveis. O projeto da unidade será totalmente financiado pela Chery, com investimento total de

US\$ 400 milhões, de acordo com o plano global. A planta será instalada em um parque industrial, com área de 1.000.000 m².

O projeto está programado para ser construído em duas fases. A primeira, com investimento de US\$ 130 milhões, vai instalar a unidade fabril com capacidade de produção anual, em dois turnos, de 50 mil veículos em 2013. A segunda, que terá investimento de US\$ 270 milhões, vai atingir uma capacidade de produção anual de 150 mil veículos e introduzir no tecido industrial brasileiro fornecedores chineses.

Na fase inicial, os modelos produzidos serão o S12 (A1) e A13 (Fulwin 2), que utilizarão combustível Flex para satisfazer os requisitos do mercado brasileiro.



4.3.2 ENTREVISTA COM LUIS CURI – CEO DA CHERY NO BRASIL

Antonio Barros de Castro: No contexto atual, gostaríamos de saber qual é o passo adiante que a Chery está projetando. Como se sabe, vocês estão indo além da rede de concessionárias, têm uma hipótese de fábrica em Jacareí, um terreno de aproximadamente um milhão de metros quadrados e a intenção de investir 400 milhões de dólares. Isto configuraria nitidamente um passo adiante na estratégia da empresa. Nós gostaríamos de saber, como primeira grande questão, o porquê deste passo, suas intenções e os objetivos.

Luis Curi: Gostaria, primeiro, de posicionar a Chery no Brasil. A Chery já estuda o Brasil há algum tempo. Eu já estou envolvido nesse projeto desde 2007 e o Brasil sempre foi um mercado interessante, prioritário para a Chery. Em determinado momento, nas negociações com os parceiros de revenda local, a Chery decidiu entrar no Brasil por conta própria. Com a crise americana em 2008, essa idéia ficou um pouco de lado, pois ninguém sabia o tamanho dessa crise e como iria afetar os países. De início, realmente, ela se mostrava bastante danosa, como foi no resto no mundo, com exceções como a China e o Brasil.

Então decidimos entrar como todas as newcommerces entram em mercados desconhecidos e novos, que é através de um parceiro local, assim como a JAC está fazendo. Entramos através da empresa que se chama Vengue. Mas isso, desde o começo, já estava definido como um período de transição, até a Chery

absorver conhecimento e cultura suficiente para começar a andar com as próprias pernas.

O investimento da fábrica já faz parte dos planos da Chery desde 2007. Este é um projeto para 2013 que já está sacramentado pela National Development Reform Commission, pelo governo federal chinês e vinculado diretamente ao primeiro ministro da China. A Chery é uma estatal, de uma província chamada Anhui.

Então o porquê da fábrica, dado que existe uma grande vantagem em produzir na China. Essa vantagem não se aplica a Chery porque como uma montadora, ela compra as principais peças para compor o automóvel das mesmas empresas que fornecem para FIAT, Ford ou GM. Refiro-me a Bosch, Magneti Marelli, Visteon e Johnson Controls. Não tem fundamento achar que uma peça da Bosch custará na China 10% do que custa no Brasil. Na verdade, ela custa 20-25% mais barato e não 90% mais barato. E a Chery faz isso com mais de 75% das peças; ela só monta o carro.

No Brasil, temos uma tributação punitiva, que são os 35% de imposto sobre a importação. Além disso, temos um leadtime, um tempo muito grande, entre o pedido e o recebimento da mercadoria, de quatro meses. Durante esse tempo, ficamos expostos à variação cambial, custo financeiro e questões de abastecimento. A logística pode acarretar em grandes custos, dado um agravamento da situação no Oriente Médio, na África ou mesmo na Ásia.

Por outro lado, uma vez que a Chery tem a missão de ser uma marca global, ela possui um programa chamado foreign abroad. São muitos os países que não têm muita tradição em automóveis. No Brasil, temos quase 200 milhões de experts em automóveis. Então será fundamental para nossa empresa adquirir experiência aqui. Nós estamos auxiliando pessoalmente a Chery neste sentido, pois as culturas são diferentes. Por exemplo, o interior branco, típico na China, não é aceito por aqui. Estamos aprendendo. Uma fábrica aqui, com um centro de pesquisa e desenvolvimento, ajudará a dar um ar mais ocidental ao carro da Chery.

Este tem sido um processo natural das coreanas. A China está seguindo os mesmos passos em termos automotivos, só que muito mais rápido que as coreanas. O Brasil é prioritário neste processo de internacionalização da marca, considerando-se que é o quarto maior mercado de carros do mundo.

Em primeiro está a China, seguida dos EUA, Japão e Brasil. Como a Chery ainda não tem fôlego e capacidade produtiva para enfrentar o mercado americano e japonês, e como também não são mercados que interessam à Chery, a empresa optou por focar nos BRICs. Estamos indo bem na Rússia e temos planos para uma entrada forte na Índia. Neste momento, a empresa está construindo mais três fábricas na China e uma nova no Brasil.

Gostaria de explorar um pouco sua última afirmação: “mais três fábricas na China e uma nova no Brasil”. Qual é a diferença entre uma fábrica na China e uma no Brasil para a Chery? *Para a Chery, a fábrica no Brasil é uma experiência nova. Apesar da empresa possuir 11 fábricas, na verdade são 11 CKDs. O primeiro grande empreendimento feito pela Chery fora da China é no Brasil. A grande diferença, portanto, é esse ineditismo; é ver como é a legislação trabalhista, a legislação ambiental, a negociação com fornecedores, etc. A negociação com a Bosch China é diferente da negociação no Brasil.*

A Chery é uma montadora, suprida por Bosch, Visteon, etc. Como a Bosch está na China e está no Brasil, notamos que pode haver uma semelhança grande nas operações. Se as negociações tiverem sucesso, você vai receber da Bosch aqui e da Visteon aqui. E se não derem certo, vão importar da China?

Na semana passada, fui convidado para conhecer a Benteler, fornecedora de eixos de suspensão que fechou um grande pedido com a Chery. Aqui entra aquela questão de que falei: toda a Chery está sendo abastecida pela Benteler da China. Não acredito que a Benteler da China possa oferecer produtos pela metade do preço da Benteler do Brasil. Então, porque não abastecer por aqui?

Então, a diferença do Brasil para o Uruguai, por exemplo, é que no Uruguai não havia chance de fazer isto: não existiam fornecedores locais no nível de competitividade dos chineses, enquanto aqui existe a chance de montar localmente. É isto? *Esta é a grande diferença. No Uruguai, não há nenhuma indústria autopartista e, portanto, lá no Uruguai a fábrica da Chery é um CKD.*

Lá é CKD, no sentido estrito, quando vem no container um carro desmontado? *Exatamente, é quando vem o kit com o carro para ser montado.*

Então, na verdade, essa fábrica no Brasil será a primeira da Chery fora da China que não vai seguir o padrão de CKD? *Como disse antes, será uma montadora.*

Uma operação CKD recebe todas as peças necessárias para montagem do carro diretamente da matriz. Por exemplo, a fábrica no Uruguai recebe o carro com todos os seus componentes diretamente da matriz da Chery.

Uma fábrica (montadora) com fornecimento local, por outro lado, recebe de diferentes fornecedores. Ela, inclusive, pode possuir células de fornecedores. Por exemplo, a Visteon possui planos de montar uma célula de produção dentro da fábrica da Chery.

Além da estamparia, o que mais seria feito aqui? *Tudo vai depender do preço, mas a princípio o powertrain viria da China. Para todo o resto, estamos abertos a negociações.*

Estou interessado na sua ênfase no powertrain. Por que isto?

Tecnologia. Este é o nosso grande diferencial em relação à maioria das montadoras independentes chinesas. A Chery possui sua própria tecnologia para motores e transmissões, que é a ACTECO. Muitas marcas chinesas dependem de motores da Mitsubishi, da Suzuki, e estes são motores antigos. A Chery possui sua própria tecnologia; não dependemos de ninguém para abastecer o coração do carro – ou seja, motor somado à transmissão.

“Não depender de ninguém”: para a pessoa que ouve isto pela primeira vez, pode haver certa dúvida. O que significa ser independente?

A Chery é uma estatal. Quando nos referimos a “independente” é porque a empresa possui uma marca própria. Na China estão todas as marcas automotivas globais. A SAIC não vai exportar para o Brasil. O que ela iria exportar? Produtos da GM e da VW? Já a JAC tem uma marca própria; GreatWall, BYD, HAFEI e LIFAN, também.



E o critério maior, então, é o powertrain, ou existem outras diferenças? Pode ser só design? Sabemos agora que o coração do carro é de vocês, é o que define a tecnologia, mas esse é o único possível definidor de uma independente?

Não, pelo contrário, vamos colocar o exemplo da CHANA: ela compra um motor de segunda geração, “segunda linha”, ou seja, compra a tecnologia que está disponível. Mas quando e se a Mitsubishi, a Suzuki ou a Hyundai deixarem de vender essa linha de motores, sua situação se complica. A independente não se limita por uma parceira internacional.

A tecnologia para o coração do carro e a liberdade de mercados é o que define a independência, portanto? *Correto e a Chery é a maior independente da China. Embora a SAIC seja muito maior, vende VW e GM.*

As independentes estão ganhando peso no mercado chinês?

Atualmente, sim. Nas grandes cidades, obviamente, você vê mais marcas ocidentais, japonesas ou coreanas. No entanto, no interior da China, estão os independentes, como a GreatWall, a BYD e a Chery. O chinês passou direto da bicicleta para o carro. Hoje temos um mercado de 18 milhões de veículos, que não representa nada em comparação ao potencial da China. Significa que 2% da população compram veículos na China em um ano.

Por que no interior há uma prevalência forte dos independentes?

A tendência é esta uma vez que tanto a licença para a venda automóvel em Xangai como também emplacar o carro lá é caro, diferente dos preços em Wuhu.

Não é uma atitude localista, um nacionalismo provincial de Anhui com a Chery?

Isso sem dúvida, também.

Para o público brasileiro não está claro que a Chery poderá comprar de fornecedores brasileiros, somente em função das questões de custos. A suspeita que se tem é que a empresa vai importar tudo. Seria uma forma de regressão para a estrutura industrial brasileira. Tenho a impressão de que essa é uma questão sobre a qual vocês têm que ter um posicionamento forte e claro. *A nossa luta é para quebrar este paradigma, este estigma que trazem o produto e a empresa chinesa. Por exemplo, quando anunciamos que a Chery estava chegando, os comentários eram de que viríamos para logo ir embora, com produtos de má qualidade. Sobre o projeto da fábrica, os comentários eram de que não teríamos fábrica aqui. Assinamos o contrato com a prefeitura de Jacaré e com o Estado de São Paulo; já fui a dois pólos da indústria automotiva; estive com o sindicato para correr atrás de fornecedores e negócios a serem feitos por aqui; e já estive*

em reuniões com mais de dez empresas: Benteler, Visteon, Bosch, Johnson Controls, Magneti Marelli, etc. A Chery veio para ficar. Agora temos uma questão econômica, temos que ter preço para comprar aqui. Nesta luta, estamos constantemente tendo que provar que fazemos parte do comércio mundial, com as mesmas condições de uma empresa americana, européia, australiana ou asiática.

A Holding Chery produz autopeças? *Não, mas temos joint ventures para autopeças. Temos, por exemplo, uma para ar condicionado, outra com a Johnson Controls, mas são poucas autopeças.*

Dizem que a Hyundai vai trazer os próprios fornecedores da Coreia, que vão ficar ao redor da fábrica. O caso de vocês é o mesmo? *Em alguns casos específicos, pode vir a ser para algum componente, especialmente, se não existir por aqui. Pode ser que a Chery convença algum dos parceiros a vir para o Brasil. Isso dependerá de negociação.*

Considerando sua menção de instalar Pesquisa & Desenvolvimento aqui no Brasil, pretendem fazer P&D de que tipo?

Um centro para adaptações para o mercado latino-americano. O Brasil vai ser um pólo de exportação, sem dúvida alguma. Um dos segredos de ter um produto com um preço altamente competitivo é, hoje, a elevada produção de um mesmo produto, de um mesmo modelo. Se vamos por essa linha de estratégia, o Brasil não vai absorver a produção em larga escala desse único modelo, então, teremos de abastecer outros mercados.

A questão do carro flex estaria dentro desse conjunto de adaptações em P&D?

O flex já foi desenvolvido na China e está chegando à próxima leva de carros. Foi desenvolvido pela Delphi brasileira e, em julho, já recebemos três modelos totalmente flex.

4.4 ANÁLISE CEBC SOBRE O CASO DA CHERY

Como pôde ser visto na entrevista anterior, a Chery antevê no Brasil a possibilidade de uma inflexão em sua estratégia internacional. A empresa chinesa já possui onze operações em diferentes países, todas elas com uma mesma característica: plantas CKD. Caso se concretize a instalação da fábrica, a experiência no Brasil inaugura uma nova, representando um marco na internacionalização da empresa.

Também ficou claro na entrevista que a empresa está em fase de negociações sobre esse projeto, que pode ser executado diretamente ou postergado em função de dificuldades em tornar o empreendimento economicamente viável. Pelo relato do presidente da Chery, fica a forte impressão de que o ingresso no Brasil é o início de um trabalho de longo prazo, que envolve a implantação da marca na América Latina. Na medida em que isto aconteça, parece lícito inferir que o projeto não está voltado para objetivos imediatos de lucro.

Dois cenários são possíveis para a Chery no Brasil. No primeiro cenário, a empresa realizará seu investimento, mas manterá sua característica de fábrica CKD. Como segundo cenário, a Chery montará uma fábrica e utilizará a rede de fornecedores brasileiros, alguns dos quais são também seus fornecedores na China. A seguir, serão comentados estes dois cenários..



POSSÍVEIS TRAJETÓRIAS PARA OS INVESTIMENTOS DA CHERY NO BRASIL

FIGURA 7



Fonte: CEBC

4.4.1 TRAJETÓRIA 1 – FÁBRICA CKD

A trajetória 1 é caracterizada pela Chery optar por formar no Brasil uma operação similar às que já realizou em sua trajetória de internacionalização. A operação, neste caso, seria idêntica à da Chery no Uruguai: sua matriz atua como fornecedora única de partes e componentes.

Convém advertir também que o tempo consumido entre o pedido e recebimento das importações – referido como de 4 meses – constitui de fato um sério obstáculo operacional nesta estratégia. A tarifa brasileira de importação de 35% atua no mesmo sentido. Por outro lado, a compra de um terreno de aproximadamente 1 milhão de metros quadrados suscita outras questões, como o sobredimensionamento do terreno para esse tipo de operação, levando em consideração o tamanho da matriz na China – 2 milhões de metros quadrados.

É preciso recordar, em contrapartida, que o terreno em si não significa comprometimento da empresa com a forma ou o volume das operações: a aquisição do terreno é uma aplicação financeira da qual decorre grande liberdade em relação ao futuro da empresa. Nessa mesma direção, os juros para investimentos na China são baixíssimos em termos nominais sendo, não raro, negativos em termos reais.

O grau de liberdade preservado pelo tamanho permite a concretização de diferentes opções estratégicas que, no limite, poderiam chegar até mesmo à futura formação de um cluster em torno da Chery.

Se seguir essa primeira trajetória, no entanto – tendo em vista o tecido industrial brasileiro – é mais provável que a Chery estabeleça no Brasil uma operação quasi-CKD, na qual componentes como, pelo menos, assentos, vidros, baterias e pneus, tendem a ser supridos pela rede local de fornecedores.

A escolha pela trajetória 1 pode também ser entendida como uma atitude prudente, que aguarda possibilidades e escala suficientes para passar para a próxima estratégia – uma fábrica com elevado conteúdo local. Na avaliação se deve ou não passar para a estratégia 2, dois fatores devem ser levados em conta: o êxito no primeiro estágio e o grau de comprometimento com o *layout* da operação. Em suma, se obtiver êxito com a fábrica CKD e o custo para estruturar uma nova planta não for elevado, a Chery tenderia a transitar para a trajetória 2.

4.4.2 TRAJETÓRIA 2 – FÁBRICA COM FORNECIMENTO LOCAL

A trajetória 2 é caracterizada pela opção de formação de uma operação com fornecimento no Brasil - podendo naturalmente importar uns poucos, mas importantes, componentes. Essa seria uma trajetória diferente da assumida em todos os demais países para onde a Chery já se internacionalizou.

Como se viu na entrevista, há pelo menos um fator que atua em benefício desta opção: o fato de que as importantes empresas de autopeças no Brasil são também fornecedores da Chery na China. Para esses fornecedores, incluir a filial brasileira da Chery entre os seus clientes, em princípio, não traria dificuldades maiores, dada sua grande escala em relação à demanda da iniciante Chery - prevista a produção de 150 mil veículos, por ano. Em alguma medida, essas empresas teriam de “dedicar” algumas peças a eventuais especificidades da demanda da Chery, mas seguramente esta possibilidade está na esfera de competência das grandes fornecedoras de autopeças brasileiras. Por conseguinte, o problema consiste em saber se os grandes provedores locais de autopeças conseguem ou não ofertar, no Brasil, seus produtos a preços competitivos, vis à vis suas filiais na Ásia.

Em resumo, o que está sendo sugerido é que existem duas ordens de problemas: a) a formação local de uma rede ou aliança de fornecedores e b) os custos de produção.

No tocante à questão de custos, manter a vantagem competitiva que possui na China pode ser bastante complicado, não tanto pelo custo da mão de obra, ou pela carência de incentivos que o governo de Anhui pode ter fornecido à empresa, mas por questões de escala, bem como pela não existência de um cluster em torno da empresa no Brasil. Não se trata pois, no caso, do custo Brasil, mas sim da dificuldade em criar um cluster competitivo, como o governo de Anhui buscou desenvolver em torno da Chery em Wuhu.

Caso decida pela trajetória 2, o investimento da Chery pode ser visto, em princípio, como uma oportunidade para a cadeia de suprimentos de peças e componentes no Brasil, dado que as perspectivas de longo prazo da empresa são, como já se disse, de uma produção de 150 mil veículos ao ano. Por outro lado, isto seria consistente com a opção pelos BRICS no processo de internacionalização da companhia, e o Brasil seria, no caso, uma plataforma de produção, pelo menos, para a América do Sul.

Os carros chineses estão, no momento, sendo anunciados, no Brasil, a preços similares aos concorrentes de sua categoria. Por um lado, isto discrepa do comportamento da Chery na China, como pode ser visto no Gráfico 8:



Há que ter vários cuidados na comparação de preços. Convém ter em conta, por exemplo, carros como o Chery QQ estão sendo ofertados no Brasil, com itens de série, como: freios ABS, airbag, direção hidráulica, ar condicionado. Visto por esta ótica os veículos podem ser ditos, modernos e baratos. E o maior impacto da entrada da Chery no país poderá vir a ser uma mudança na expectativas e por conseguinte maiores exigências por parte dos consumidores. Concretamente, pelo preço de um carro popular, torna-se possível comprar um carro com mais recursos. Esta simples mudança parece atingir o cerne do setor automobilístico no Brasil que, como é bem sabido, está quantitativamente centrado nos

compactos populares. Curiosamente, este tipo de efeito não existe na China, onde os carros baratos são relativamente desconsiderados nas grandes cidades da região costeira, tendo grande peso somente no interior e no oeste do país.

Em resumo, a proposta da Chery para o Brasil tende a acarretar uma intensificação na competição por carros populares. Para tanto, deverá a empresa manter sua agressividade no tocante a preços, e com este objetivo trazer peças de baixo custo da China e/ou obter contratos de suprimentos a preços módicos no próprio Brasil.

5 Perspectivas para 2011

Até o momento, os investimentos chineses, anunciados em 2011, possuem características distintas dos registrados em 2010. Percebe-se um rearranjo em favor da indústria e de setores de tecnologia mais avançada.

Esta mudança torna-se evidente pela análise setorial dos projetos. Dentre nove investimentos anunciados, apenas um está relacionado ao setor de agronegócio e ainda não existem projetos referentes aos setores de Petróleo & Gás, Mineração e Siderurgia, responsáveis por 75% do volume de investimento anunciado em 2010. A Tabela 3 sintetiza os investimentos monitorados.

Ainda é cedo para se chegar a conclusões sobre o perfil dos investimentos, mas uma característica marcante é a prevalência dos novos investimentos via greenfield. Oito dentre os dez projetos anunciados referem-se à instalação de uma fábrica ou de um centro de pesquisa. Merece destaque, por exemplo, o investimento anunciado pela ZTE

(Telecomunicações), que propõe a construção de um parque industrial em Hortolândia (SP) em uma área de 470 mil metros quadrados e com potencial de geração de dois mil novos empregos. Também é relevante o anúncio da Huawei, que pretende investir US\$ 350 milhões na instalação de um centro de pesquisa e desenvolvimento em Campinas.

Outra possível mudança no cenário de 2011 consiste na motivação do investimento. Enquanto, em 2010, a soma dos recursos anunciados privilegiaram com enorme superioridade os recursos naturais, em 2011, a busca por mercado consumidor ganha peso. Por exemplo, a Lenovo anunciou que planeja criar uma vasta rede de distribuição para “cobrir totalmente” áreas rurais no Brasil durante os próximos três anos. Cabe, no entanto, sublinhar ao leitor que é próprio da natureza dos investimentos voltados para recursos naturais a indivisibilidade e a grande magnitude das aplicações, enquanto os investimentos em manufatura tendem a ser em maior quantidade, embora raramente alcancem enormes volumes de recursos.



INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL ANUNCIADOS PELA IMPRENSA EM 2011

TABELA 3

MÊS	EMPRESA ORIGEM	EMPRESA DESTINO	VALOR	OBJETIVO	STATUS	LOCAL	SETOR	ESTADO
Abril	Lenovo	-	Não relatado	A fabricante de computadores planeja criar uma vasta rede de distribuição para "cobrir totalmente" áreas rurais na Indonésia, no Brasil, no México, na Índia e na Turquia durante os próximos três anos, disse Chen Shaopeng, presidente do grupo de negócios de mercados emergentes da Lenovo.	Anunciado	N/A	Eleto- Eletronico	Área Rural do Brasil
Abril	Huawei	-	US\$ 300 milhões	Instalação de um Centro de P&D	Decidido	Campinas	Telecomunicações	São Paulo
Abril	ZTE	-	US\$ 200 milhões	Construção de um parque industrial em Hortolândia (SP), o primeiro desse tipo fora da China. Planeja contratar outros 2 mil para trabalhar em sua nova fábrica, no interior paulista, numa área de 470 mil metros quadrados. A produção começará em até seis meses.	Decidido	Hortolândia	Telecomunicações	São Paulo
Abril	Anhui Longping High-Tech Seeds	Não decidido	N/A	Dois modelos de negócios: No primeiro, mais convencional, ela fornece a genética das sementes de arroz dominadas nas últimas três décadas de existência para o parceiro local, que multiplica as sementes para comercialização, pagando royalties ao grupo chinês. A segunda possibilidade é a criação de uma joint venture, nas quais as condições seriam discutidas futuramente.	Anunciado	N/A	Agribusiness	N/A
Janeiro	CR Zongshen	-	N/A	Trazer um grupo de fornecedores para operar em sistema modular. Três empresas da China já confirmaram unidades para produzir chassis, assentos e peças plásticas. Fabricantes de outras peças estão em negociação. O grupo espera, com isso, adquirir localmente 45% das peças usadas na produção.	Anunciado	Manaus	Automotivo	Amazônia
Maio	Chongqing Polycomp International Corporation (CPIC)	Fábrica da Owens Corning	Não relatado	Atuar diretamente no mercado brasileiro de reforços de fibras de vidro, produzindo em território nacional, comercializando tais produtos, prestando suporte técnico e incentivando a inovação junto aos clientes, além de estimular novas aplicações do produto.	Decidido	Capivari	Fibras de Vidro	São Paulo
Maio	Foxconn	-	US\$ 3 - 7 bilhões (fábrica de telas)	A primeira seria a produção da Apple, a segunda, a unificação das fábricas que a empresa tem no Brasil em um só local e, a terceira, a fabricação de telas no País. O investimento na fábrica de telas poderia ficar entre US\$ 3 bilhões e US\$ 7 bilhões, segundo Almeida.	Negociação	Jundiaí	Eleto- Eletronico	São Paulo
Maio	Xuzhou Construction Machinery Group (XCMG)	-	US\$ 200 milhões	Construção de um parque industrial na cidade de Pouso Alegre (MG). Em um espaço de 800 mil m ² , a empresa planeja investir na construção de sua primeira fábrica na América Latina, além de um centro de desenvolvimento e pesquisas. a XCMG pretende produzir guindastes, rolos compactadores, motoniveladoras, escavadeiras e pás-carregadeiras. A chinesa planeja fazer do país uma plataforma de exportações para a América Latina.	Anunciado	Pouso Alegre (MG).	Maquinas Pesadas	Minas Gerais
Março	Hangzhou Cogeneration	-	Até US\$ 3 Bilhões	Fabricação de turbina a vapor, máquinas, metalurgia, energia e assim por diante.	Anunciado	-	Maquinas Pesadas	Minas Gerais
Março	Chongqing Grain Group	-	US\$ 4 bilhões	Construção de um complexo industrial para o processamento de soja em Barreiras, uma processadora de fertilizantes e um sistema de armazenagem e logística de grãos.	Decidido	Barreiras	Agribusiness	Bahia

Fonte: Noticiário de Imprensa. Elaboração: CEBC

6 Referências bibliográficas

- BROWN, K (2008). *The Rise of the Dragon: Inward and Outward Investment in China in the Reform Period 1978-2007*, Chandos Publishing, 213 p.
- CEPAL (2011). *La Inversión Extranjera Directa em América Latina y el Caribe*. Relatório de pesquisa. Disponível em <http://www.cepal.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/9/43289/P43289.xml&xsl=/ddpe/tpl/p9f.xsl&base=/ddpe/tpl/top-bottom.xsl>
- CHIN, G (2010). *China Automovite Modernatization, The Party State and Multinational Corporations*. International Political Economy Series. Palgrave Macmillan, 314 p.
- GENG XIAO (2004). *People Republic of China's Round Tripping FDI: Scale, causes and Implications*. Relatório de Pesquisa. Disponível em www.hiebs.hku.hk/working_paper_updates/pdf/wp1137.pdf
- HOLLAND, M; BARBI, F. *China na América Latina: uma análise da perspectiva dos Investimentos Diretos Estrangeiros*. In: Baumann, R (org.). *O Brasil e os demais BRICs – Comércio e Política*. Brasília, DF: CEPAL. Escritório no Brasil/IPEA, 2010. Disponível em www.cebc.org.br/sites/500/521/00001497.pdf
- HANDTKE, U (2009). *Chinese Investment in Germany*. Germany Trade & Invest GmbH, Berlin.
- HUANG, Y (2005). *Selling China: Foreign Direct Investment During the Reform Era*.
- Luo, J (2005). *The Growth of Independent Automotive Companies*. Institute of Motors Vehicles Program, MIT.
- IPEA (2011). *Internacionalização das empresas chinesas: as prioridades do investimento direto chinês no mundo*. Relatório de pesquisa. Disponível em www.ipea.gov.br/portal/images/stories/.../110405_comunicadoipea84.pdf
- NICOLAS, F. (2010). *Chinese Direct Investments in France: No French Exception, No Chinese Challenge*. Relatório de Pesquisa. Disponível em www.chathamhouse.org.uk/files/15788_0110pp_nicolas.pdf
- NICOLAS, F; THOMSEN, S (2008). *Chinese Investments in Europe: Motives, Strategies and Implications*. Emerging Multinationals': Outward Foreign Direct Investment from Emerging and Developing Economies, Copenhagen.
- MORCK, R; YEUNG, B; ZHAO; M(2008). *Perspectives on China's outward foreign direct investment*.
- OECD (2003). *Investment Policy Reviews: China, Annex 1, International Comparability of China's FDI statistic*.
- PIETROBELI, C; Rabellotti, R; Sanfilippo, M. (2010). *The 'Marco Polo' Effect: Chinese FDI in Italy*. Relatório de Pesquisa. Disponível em http://www.chathamhouse.org.uk/files/16054_pp0210italy.pdf
- ROSEN, D; HANNEMAN, T (2009). *China's Changing Outbound Foreign Direct Investment Profile: Drivers and Policy Implications*.
- SAUVANT, K. P. (2009). *The Rise of Transnational Corporations from Emerging Markets: Threat or Opportunity?* Edward Elgar Publishing.
- SUTHERLAND, D (2010). *An investigation of OFDI strategies in China's private business: "Round Tripping" or "Onwardjourneying"?*
- YUSUF, S., & NABESHIMA, K. (2009). *Tiger Economies Under Threat: A Comparative Analysis of Malaysia's Industrial Prospects and Policy Options*. World Bank Publications.
- ZENG, M; WILLIAMSON, P (2007) *Dragons at your Door: How Chinese Cost Innovation is Disrupting Global Competition*. Harvard Business Scholl Press, 239 p.
- ZHAN, J (2006). *FDI Statistics A Critical Review and Policy Implications*.

7 Apêndices

7.1 APÊNDICE 1: DETALHES METODOLÓGICOS

Com relação à metodologia de medição do IED, Zhan (2006) apresenta três abordagens: balanço de pagamentos, abordagem administrativa ou survey.

A primeira abordagem sugere utilizar os dados das transações do balanço de pagamentos para obter estatísticas sobre o Investimento Estrangeiro Direto (IED). No entanto, o autor alerta que uma porção significativa dos investimentos no exterior não está associada às transações de capitais entre fronteiras, como os lucros reinvestidos, capital transferido em forma de máquinas e dívidas entre empresas. Outro ponto desfavorável à utilização do balanço de pagamentos diz respeito à falta de visibilidade da informação disponível sobre os investimentos. Através do balanço não é possível obter informações sobre distribuição geográfica e alocação setorial dos investimentos. Para o caso da China, existe o Balanço de Pagamentos da China, divulgado pelo National Bureau of Statistics. Entretanto, como explicado, essa fonte não é confiável, pois carrega uma série de imprecisões.

Já a abordagem administrativa considera fontes administrativas do país sede que possuem a função de analisar, apoiar e aprovar projetos de investimentos no exterior. Para o caso da China, temos o Ministério do Comércio (MOFCOM), responsável por captar esses dados e gerar as estatísticas. O ponto desfavorável à utilização desta fonte consiste no método utilizado pela instituição. Com relação ao MOFCOM, muitos autores discutem a falta de precisão dos dados. De acordo com o relatório da OECD (2003), apresentamos a Tabela 4, que mostra a discrepância da metodologia utilizada pelo MOFCOM em comparação com os padrões internacionais. Relatórios de 2006 e 2008 da OECD sobre IED chinês também referenciam o estudo feito em 2003 e apontam que estas limitações continuam existindo.

COMPARABILIDADE INTERNACIONAL DO IED CHINÊS

TABELA 4

	PADRÃO INTERNACIONAL RECOMENDADO (OECD/FMI)	PADRÃO UTILIZADO PELO MOFCOM
Tipo de dados de IED utilizados	Fluxo de IED, estoque, e a receita proveniente do investimento (interno ou externo)	Os dados relacionados as transações são referenciados aos fluxos de entrada de capitais, enquanto o fluxo de saído é baseado nas estatísticas da Nações Unidas. MOFCOM não cumpria o estoque de IED, utiliza fluxos acumulados como representação. Não existem estatísticas sobre receita relacionada ao IED.
Classificação industrial e alocação de setores	A classificação por indústrias deve ser feita com base na United Nations International Standard Industrial Classification for all Economic Activities, que habilita uma análise compreensiva entre países. OECD recomenda que o investimento estrangeiro da empresa deve ser analisado levando em consideração a atividade industrial do país destino e também a atividade industrial proposta pelo IED.	O método utilizado pelo MOFCOM para a classificação das indústrias não é recomendado. As estatísticas do MOFCOM são baseadas na classificação nacional da atividade econômica, sendo difícil comparar internacionalmente.
Fontes de dados	OECD reconhece três fontes de dados: Sistema de reporte de dados internacionais (balanço de pagamentos); Fontes administrativas, Pesquisas com empresas, Um grande número de países da OECD utilizam pesquisas com empresas para calcular o valor do IED, fontes administrativas servem como uma base secundária de informações.	As estatísticas do MOFCOM dependem de fontes administrativas
Definição de IED	Um tipo de investimento internacional feito por uma entidade residente (investidor direto) com o objetivo de estabelecer um interesse duradouro em uma empresa residente em uma economia outra a do investidor. Interesse duradouro implica na existência de um compromisso de longo prazo entre o investidor direto e a empresa, e também implica em um grau significativo de influência do investidor direto (aproximadamente 10%) na participação da gestão da empresa. Investimento direto envolve tanto as transações nacionais entre duas entidades, quanto todo o capital subsequente a transação e que seja trocado entre o investidor direto e a empresa.	Todos os investimentos estrangeiros são considerados pelas estatísticas do MOFCOM, independente dos 10% mínimo de participação do investidor direto. O não cumprimento com os padrões de definição do IED resulta em um obstáculo para a comparação internacional das estatísticas. Deve existir maiores discrepâncias no futuro de acordo com a diversificação do IED chinês. As estatísticas do MOFCOM estão relacionadas somente com os investimentos iniciais, o que é provável que resulte em uma subestimação do montante de transações entre investidor direto e empresa em um dado período de tempo.
Definição de Empresa resultante de IED	Uma empresa incorporada na qual o investidor externo detém 10% ou mais de suas ações ordinárias ou poder de voto. A propriedade de 10% ou o poder de voto demonstram a existência de um relacionamento através do investimento externo. Uma "voz efetiva" na gestão da empresa consiste na evidência necessária para que a empresa seja relacionada a um IED. Empresas resultantes de IED são aquelas diretamente ou indiretamente sob a propriedade do investidor estrangeiro.	As estatísticas do MOFCOM incluem: Joint-Ventures, Joint-Ventures Contratuals, Empresas compradas no exterior, FDI share-holding system, Joint exploration. A definição do MOFCOM não necessariamente segue as diretrizes internacionais, podendo incluir casos que não são considerados como empresas resultantes de IED.
Componentes padrões inclusos nas estatísticas de IED	Equity Capital, Lucros Reinvestidos, Outros capitais: empréstimos entre empresas, debt securities, crédito com fornecedores, ações preferenciais.	MOFCOM observa em suas estatísticas somente o Equity Capital.
Valor Contratado e Valor realizado	A classificação de IED não reconhece essa diferença entre valores	MOFCOM fornece diferentes classificações para o dado de IED: contratado e realizado. A interpretação desses dados dificulta as análises pois a definição do que é contratado e realizado não é claramente exposta pelo MOFCOM.

Fonte: OECD 2003

Rosen & Hanemann (2009), ao discutirem os direcionadores e políticas de IED da China, comentam sobre a uma série de fatores que distorcem os dados apresentados pelo MOFCOM:

“Several factors distort the accuracy of China’s aggregate data on OFDI. First, MOFCOM does not rely on direct enterprise surveys to compile data but rather on information collected by local commerce bureaus, where firms must register their overseas investments. This can result in significant underreporting by firms that wish to side-step approval procedures for a variety of reasons, thus dragging down the aggregate figures. Another major problem, resulting in undercounting, is that many Chinese firms do not report foreign earnings that are reinvested abroad as OFDI as required by international standards. While these factors suggest that actual outflows could be much higher, there are also reasons to suspect that China’s official statistics are too high.” (ROSEN & HANEMANN, 2009: 3).



Brown (2008) destaca: “Com relação às estatísticas na China, o bravo, o sábio, o covarde e o tolo permanecem em igualdade”. Face a esse contexto de falta de confiabilidade com relação às estatísticas geradas pelas instituições administrativas na China, resta a abordagem por survey apresentada por Zhan (2006). Zhan (2006) comenta que o uso de surveys ou pesquisas de campo é favorável para a coleta de dados que não estão dentro dos moldes padrões do Balanço de Pagamentos ou fora do escopo das unidades administrativas, por exemplo, capitais reinvestidos, reavaliação de capitais frente à depreciação dos ativos e empréstimos entre empresas. Além disso, através dessas pesquisas podemos conseguir dados mais apurados sobre o rastro do investimento (setor, localização geográfica e tipo de operação).

Round-Tripping

Outro assunto bastante discutido com relação ao aspecto quantitativo do IED chinês é o chamado Round-Tripping. Esse termo é utilizado para caracterizar o processo de envio de capital da China para Hong-Kong e o retorno desse “investimento” para a China.

O assunto é muito discutido¹⁵ pois, de acordo com Xiao (2004), o *Round-Tripping* pode contribuir com uma superestimação de 25 a 50% no IED chinês.

Xiao (2004) conduziu um estudo detalhado sobre o impacto quantitativo do *Round-Tripping* no volume de IED calculado pelo MOFCOM, assim como buscou os principais motivos para o manejo do capital através de Hong Kong. São eles:

- Vantagens e incentivos fiscais: a China possui políticas preferenciais para atrair IED, incluindo baixas taxas de impostos, direitos de uso de terras, suporte administrativo e, através de instituições financeiras domésticas, fornece serviços financeiros preferenciais.
- Proteção dos direitos de propriedade: a China continental possui um sistema legal e institucional diferente de Hong Kong. A infraestrutura básica para o cumprimento dos direitos de propriedade na China é fraca. Muitas empresas chinesas deixam seu capital em um ambiente com regulamentações mais restritas e quando vislumbram uma oportunidade de incentivo aos direitos de propriedade, por parte do governo chinês, direcionam os investimentos para essa região.
- Expectativas sobre o controle de câmbio e a taxa de câmbio: nos últimos anos, intensificaram-se as pressões internacionais para a reavaliação do valor do RMB. A China também vem progressivamente relaxando o controle sobre as contas de capital. Ainda que atividades relacionadas à especulação com as taxas de juros sejam difíceis de serem rastreadas, existe a hipótese de que os investimentos entram e saem da China de acordo com os reajustes monetários.
- A competitividade de Hong Kong com relação aos serviços financeiros: muitas empresas chinesas possuem uma relação estreita com empresas de Hong Kong, assim como possuem também escritórios e subsidiárias nessa região. O principal fator de atração para a ida de empresas chinesas para Hong Kong consiste no mercado de ações que existe em Hong Kong. Muitas empresas chinesas, inclusive, são listadas na Bolsa de Hong Kong.

¹⁵ A esse respeito, ver Huang (2005); OECD (2003); Brown (2005); Zhang (2006); OECD (2008); Rosen & Hanemann (2009); Sutherland (2010).

7.2 APÊNDICE 2: QUADRO-RESUMO DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL

EMPRESA ORIGEM	EMPRESA DESTINO	GRAU DE EFETIVAÇÃO	VALOR NOTICIADO US\$	OBJETIVO	LOCALIZAÇÃO
Sinopec	Repsol Brasil	Confirmado	\$7.109.000.000	Compra de 40% das operações brasileiras da empresa espanhola Repsol	Não Divulgado
Sinochem	Statoil ASA	Confirmado	\$3.070.000.000	Aquisição de 40% da exploração do Campo de petróleo offshore Peregrino	Bacia de Campos-RJ
State Grid	Elecnor SA, Abengoa SA, Isolux Ingenieria SA e Cobra Instalaciones y Servicios SA	Confirmado	\$989.000.000	Compra de sete concessionárias de transmissão de energia	Concessionárias: Ribeirão Preto, Serra Paracatu, Poços de Caldas, Itumbiara, Serra da Mesa, Expansión Transmissão de Energia Elétrica (opera no DF, GO e MG) e Expansión Transmissão Itumbiara Marimbondo
Wuhan Iron and SteelGroup Co. (Wisco)	MMX	Confirmado	\$400.000.000	Compra e venda de minério de ferro, prevê fornecimento de 50% da produção da Unidade de Serra Azul para a Wisco	Minas Gerais
Chery	Governo de São Paulo	Confirmado	\$400.000.000	Instalação de fábrica	Jacareí - SP
Honbridge Holdings	Votorantim Novos Negócios	Confirmado	\$390.000.000	Compra do "Projeto Salinas", que inclui exploração de minério, a construção de um mineroduto de 500 quilômetros e de um porto em Ilhéus - BA	Bahia e Minas Gerais
Jianhuai Automotive Co. (JAC)	-	Confirmado	\$200.000.000	Rede de concessionárias	São Paulo
Sany Heavy Industry	-	Confirmado	\$100.000.000	Instalação de fábrica	São José dos Campos - SP
CR Zongshen	-	Confirmado	\$20.000.000	Instalação de fábrica utilizando a marca Kasinski	Estado do Rio de Janeiro
Xuzhou Construction Machinery Group	-	Confirmado	\$12.000.000	Instalação de um centro de distribuição e uma montadora de equipamentos de carregadeiras e escavadeiras	Complexo de Suape - PE
China National Agricultural Development Group Corporation (CNADC)	Governo de Goiás	Anunciado	\$7.000.000.000	Participação em projetos de expansão de lavouras de grãos e investimento na construção de ramais da ferrovia Norte-Sul (em Goiás). Soja produzida nessa área de 2,4 milhões de hectares será exportada para a China.	Goiás
Sinopec/China National Offshore Oil Corp (Cnoc)	OGX Petróleo e Gás Participações	Anunciado	\$6.000.000.000	Negociações separadas para aquisição de 20% no campo de petróleo offshore e participação em ativos da OGX	Bacia de Campos-RJ
Wuhan Iron and SteelGroup Co. (Wisco)	Passagem Mineração (Pamin)	Anunciado	\$5.000.000.000	Aquisição da empresa	Mariana - MG (Jazida do Morro de Santana)
Wuhan Iron and SteelGroup Co. (Wisco)	EBX	Anunciado	\$3.500.000.000	Instalação de siderúrgica, com 70% de participação da Wisco na joint-venture	Porto de Açu - São João da Barra - RJ
East China Mineral Exploration and Development Bureau (ECE)	Itaminas Comércio de Minérios S.A.	Anunciado	\$1.200.000.000	Aquisição da Itaminas	Minas Gerais
Chongqing Grain Group	-	Anunciado	\$300.000.000	Compra de 100 mil hectares para produção soja; Instalação de indústria de esmagamento de soja	Barreiras - BA
Bank of China	-	Anunciado	\$60.000.000	Atuar no comércio bilateral	Escritório em São Paulo - SP
ZTE	Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel)	Anunciado	\$2.000.000	Instalações de Ensino	Santa Rita do Sapucaí - MG
China Rail Construction Company	Governo do Mato Grosso	Anunciado	Não divulgado	Parceria para construção de 4 trechos de ferrovias: Rondonópolis (MT) a Cuiabá (MT); Rondonópolis a Porto Velho (RO); Cuiabá a Santarém (PA) e Alto Araguaia (MT) a Araguaia (MG).	Mato Grosso
Cofco. Ltd	Companhia Nacional de Açúcar e Alcool (CNAA)	Anunciado	Não divulgado	Compra de duas unidades da Companhia Nacional de Açúcar e Alcool (CNAA)	Goiás e Minas Gerais
Sinopec	Petrobras	Anunciado	Não divulgado	Compra de dois blocos exploratórios da Petrobras (PAMA-3 e PAMA-8)	Bacia do Pará - Maranhão
Sinopec	Petrobras	Anunciado	Não divulgado	Participação acionária no Complexo Siderúrgico do Rio de Janeiro (Comperj)	Rio de Janeiro - RJ
Industrial & Commercial-Bank of China (ICBC)	-	Anunciado	Não divulgado	Operar diretamente no Brasil (a forma ainda não foi definida)	Não divulgado
Dongfeng Motor Corporation	-	Anunciado	Não divulgado	Acordo de cooperação com representante da marca no Brasil; possibilidade de instalação de fábrica no futuro	São Paulo
Grupo Pallas International	Governo da Bahia	Anunciado	Não divulgado	Aquisição de terras para produção de grãos para exportação e atuação em bioenergia	Oeste da Bahia / Mapito



ESTADO	MODO DE ENTRADA	SETOR	ESTRUTURA DE PROPRIEDADE	DETERMINANTES DO INVESTIMENTO
Rio de Janeiro	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (petróleo e gás)	Central SOE	Resource seeking
Rio de Janeiro	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (petróleo e gás)	Central SOE	Resource seeking
São Paulo	Fusões & Aquisições (completa)	Energia elétrica	Central SOE	Market-seeking
Minas Gerais	Fusões & Aquisições (parcial)	Mineração	Central SOE	Resource seeking
São Paulo	Greenfield	Automotivo	SOE	Market-seeking
Bahia e Minas Gerais	Fusões & Aquisições (completa)	Mineração	Privada	Strategic Asset Seeking
São Paulo	Greenfield	Automotivo	SOE	Market-seeking
São Paulo	Greenfield	Máquinas de construção	Privada	Market-seeking
Rio de Janeiro	Greenfield	Automotivo	Privada	Market-seeking
Pernambuco	Greenfield	Máquinas de construção	SOE	Market-seeking
Goiás	Greenfield	Agribusiness	Central SOE	Resource seeking
Rio de Janeiro	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (petróleo e gás)	Central SOE	Resource seeking
Minas Gerais	Fusões & Aquisições (completa)	Mineração	Central SOE	Resource seeking
Rio de Janeiro	Joint-venture	Siderurgia	Central SOE	Resource seeking
Minas Gerais	Fusões & Aquisições (completa)	Mineração	SOE	Resource seeking
Bahia	Greenfield	Agribusiness	SOE	Resource seeking
São Paulo	Greenfield	Bancário	Central SOE	Market-seeking
Minas Gerais	Greenfield	Educação	SOE	Strategic Asset Seeking
Mato Grosso	Greenfield	Ferrovário	SOE	Market-seeking
Goiás e Minas Gerais	Fusões & Aquisições (completa)	Agribusiness	Central SOE	Resource seeking
Maranhão	Fusões & Aquisições (completa)	Energia (petróleo e gás)	Central SOE	Resource seeking
Rio de Janeiro	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (petróleo e gás)	Central SOE	Resource seeking
Não divulgado	Greenfield	Bancário	Central SOE	Market-seeking
São Paulo	Greenfield	Automotivo	Central SOE	Market-seeking
Bahia	Greenfield	Agribusiness	Privada	Resource seeking

7.3 APÊNDICE 3: REPORTAGENS CONSULTADAS

AGÊNCIA ESTADO. Foxconn procura sócio brasileiro. O Estado de S. Paulo, Pequim, 24 abr. 2011. Empresas. Disponível em: < http://economia.estadao.com.br/noticias/not_63924.htm >. Acesso em: 25 abr. 2011

BASILE, J. Chinesa CPIC entra no segmento de fibra de vidro no Brasil. Valor Econômico, Brasília, 4 maio 2011. Empresas. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/empresas/102/427847/xcmg-planeja-fabrica-de-ate-us-200-mi-para-o-pais> >. Acesso em: 5 maio 2011

BATISTA, F. Grupo chinês na briga por usinas no Brasil. Valor Econômico, São Paulo, 6 set. 2010. Agronegócios. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/coca-cola/2394/304863/grupo-chines-na-briga-por-usinas-no-brasil> >. Acesso em: 6 set. 2010

CAIJING. Sinopec, Petrobras Reached Cooperation Agreement in Brazil. Caijing, Beijing, 16 abr. 2010. Industry. Disponível em: < <http://english.caijing.com.cn/2010-04-16/110418072.html> >. Acesso em: 17 abr. 2010

CONSTANTINO, Luciana; MENA, Fernanda. Autonomia universitária tem novo impulso. Folha de São Paulo, São Paulo, 8 mar. 2004. Educação. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/Ult305u15167.shtml> >. Acesso em: 8 mar. 2004.

CRUZ, R. Apple deve começar a produzir iPad, iPhone e notebook no Brasil. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 4 maio 2011. Economia. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110504/not_imp714524,0.php >. Acesso em: 5 maio 2011

DEZEM, V. XCMG planeja fábrica de até US\$ 200 mi para o país. Valor Econômico, São Paulo, 17 maio 2011. Empresas. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/empresas/102/421683/chinesa-cpic-entra-no-segmento-de-fibra-de-vidro-no-brasil> >. Acesso em: 18 maio 2011

FAVRE, J. Maior banco da China planeja se instalar no Brasil. Valor Econômico, Viena, 10 jun. 2010. Finanças. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/financas/104/120501/maior-banco-da-china-planeja-se-instalar-no-brasil> >. Acesso em: 11 jun 2010

GÓES, F. LLX negocia com banco chinês recursos para porto. Valor Econômico, Rio de Janeiro, 1 jul. 2010. Empresas. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/empresas/102/122550/llx-negocia-com-banco-chines-recursos-para-porto> >. Acesso em: 4 jul. 2010

GOULART, J. State Grid assume oficialmente controle da Plena Transmissoras. Valor Econômico, São Paulo, 15 dez. 2010. Energia. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/online/energia/54/353867/state-grid-assume-oficialmente-controle-da-plena-transmissoras> >. Acesso em: 16 dez. 2010

GUARDA, A. Suape atrai investimento chinês. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 14 jul. 2009. Empreendimentos. Disponível em: < <http://www.transportabrasil.com.br/2009/07/suape-atrai-investimento-chines/> >. Acesso em: 14 jul. 2010

IG. Chineses oferecem R\$ 12 bilhões para concorrer com Petrobras. Ig, São Paulo, 10 set. 2010. Empresas. Disponível em: < <http://economia.ig.com.br/empresas/chineses+oferecem+r+12+bilhoes+para+concorrer+com+petrobras/n1237772697479.html> >. Acesso em: 11 set. 2010

INACIO, A. Planos da China de investir no cerrado nordestino começam a virar realidade. Valor Econômico, Bahia, 27 maio 2010. Agronegócios. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/agronegocios/105/119285/planos-da-china-de-investir-no-cerrado-nordestino-comecam-a- virar-r> >. Acesso em: 28 maio 2010

INACIO, A; LOPES, F. Chineses anunciam investimento de R\$ 4 bilhões no oeste da Bahia. Valor Econômico, São Paulo, 21 mar. 2011. Agronegócios. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/agronegocios/105/399827/chineses-anunciam-investimento-de-r-4-bilhoes-no-oeste-da-bahia> >. Acesso em: 22 mar. 2011

INACIO, A; LOPES, F. Líder chinês em sementes chega ao Brasil. Valor Econômico, São Paulo, 18 abr. 2011. Agronegócios. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/agronegocios/105/414471/lider-chines-em-sementes-chega-ao-brasil> >. Acesso em: 19 abr. 2011

INACIO, A; MOREIRA, A. Chineses já compram terras em nova fronteira agrícola. Valor Econômico, Bahia, 27 maio 2010. Caderno A. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/119309/chineses-ja-compram-terras-em-nova-fronteira-agricola> >. Acesso em: 28 maio 2010

INVESTE RIO. Estado do Rio ganhará nova siderúrgica em até três anos. Investe Rio, Rio de Janeiro, 16 abr. 2010. Início. Disponível em: < http://www.investerio.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=698&Itemid=112 >. Acesso em: 17 abr. 2010

INVESTE SÃO PAULO. Em 2010, Investe SP atrai US\$ 966 milhões em investimentos. Investe São Paulo, São Paulo, 20 jan. 2011. Notícias. Disponível em: < <http://www.investimentos.sp.gov.br/noticias/lenoticia.php?id=14161&c=6> >. Acesso em: 15 mar. 2011

JORNAL DE BRASÍLIA. Empresa chinesa pretende investir em ferrovias em MT. Jornal de Brasília, Brasília, 28 set. 2010. Imprensa. Disponível em: < <http://www.jornaldebrasilia.com.br/site/noticia.php?id=300853> >. Acesso em: 30 set. 2010

KURTENBACH, E. China Miner to Buy Brazil's Itaminas Iron Ore Mine. Consvita, 25 mar. 2010. Início. Disponível em: < <http://boletiminternacional.wordpress.com/2010/03/25/china-miner-to-buy-brazils-itaminas-iron-ore-mine/> >. Acesso em: 26 mar. 2010



- LANDIM, R. Brasil e China fecham contratos milionários. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 165 abr. 2010. Economia. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/noticia_imp.php?req=not_imp538439,0.php >. Acesso em: 26 abr. 2010
- LOUREIRO, U. China de olho no minério brasileiro. Valor Econômico, Porto Alegre, 10 maio 2010. Mineração. Disponível em: < <http://www.global21.com.br/materias/materia.asp?cod=29309&tipo=no> >. Acesso em: 11 maio 2010
- MACHADO, P. Chinesa CPIC entra no segmento de fibra de vidro no Brasil. Brasil Econômico, São Paulo, 2 mar. 2011. Mineração. Disponível em: < http://www.brasileconomico.com.br/noticias/gigante-chinesa-do-minerio-inicia-operacao-em-minas_98804.html >. Acesso em: 3 mar. 2011
- MOREIRA, A. Fundo chinês põe Brasil em destaque. Valor Econômico, Paris, 27 maio 2010. Finanças. Disponível em: < http://www.valoronline.com.br/impresso/financas/104/119227/fundo-chines-poe-brasil-em-destaque?quicktabs_3=0 >. Acesso em: 28 maio 2010
- O ESTADO DE S. PAULO. China compra terras no Brasil. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 3 ago. 2010. Opinião. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/noticia_imp.php?req=not_imp589697,0.php >. Acesso em: 4 ago. 2010
- O GLOBO. Kasinski vai abrir fábrica de motos elétricas no Rio de Janeiro. O Globo, São Paulo, 10 ago. 2010. Auto Esporte. Disponível em: < <http://g1.globo.com/carros/noticia/2010/08/kasinski-vai-abrir-fabrica-de-motos-eletricas-no-rio-de-janeiro.html> >. Acesso em: 10 ago. 2010
- OLMOS, M. Dongfeng fecha parceria no Brasil. Valor Econômico, São Paulo, 20 out. 2010. Empresas. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/chery/44248/324839/dongfeng-fecha-parceria-no-brasil> >. Acesso em: 21 out. 2010
- PACHECO, P. Chineses compram mina da Votorantim. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19 abr. 2010. Negócios. Disponível em: < http://economia.estadao.com.br/noticias/not_14440.htm >. Acesso em: 20 abr. 2010
- RODRIGUES, A. Operação da Repsol ajudou a inflar IED em dezembro, diz BC. Valor Econômico, Brasília, 25 jan. 2011. Contas. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/online/repsol/7421/373571/operacao-da-repsol-ajudou-a-inflar-ied-em-dezembro-diz-bc> >. Acesso em: 25 jan. 2011
- RODRIGUES, L. Bank of China inicia operações no Brasil. O Globo, São Paulo, 31 mar. 2010. Plantão. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/03/31/bank-of-china-inicia-operacoes-no-brasil-916218569.asp> >. Acesso em: 2 abr. 2010
- ROSA, V. Dilma visita ZTE, que investirá US\$ 200 mi no País. O Estado de S. Paulo, Xian, 15 abr. 2011. Empresas. Disponível em: < http://economia.estadao.com.br/noticias/not_63103.htm >. Acesso em: 16 abr. 2011
- RUFFO, G.H. Chinesa JAC chega ao Brasil em 2010 com quatro modelos. Web Motors, 15 dez. 2009. Segredos. Disponível em: < http://www.webmotors.com.br/wmpublicador/Segredos_Conteudo_vxlpub?hnid=43522 >. Acesso em: 16 dez. 2010
- SILVA, C. Dona da Kasinski investe em nova fábrica e atrai fornecedores da China. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 27 jan. 2011. Negócios. Disponível em: < http://economia.estadao.com.br/noticias/not_52773.htm >. Acesso em: 28 jan. 2011
- SILVEIRA, V. Sany define Brasil como prioridade. Valor Econômico, São José dos Campos, 20 dez. 2010. Empresas. Disponível em: < http://www.valoronline.com.br/impresso/sany/2979/355825/sany-define-brasil-como-prioridade?quicktabs_3=0 >. Acesso em: 21 dez. 2010
- SOUZA, N. Votorantim e Honbridge fecham acordo de US\$ 3 bi. Brasil Econômico, São Paulo, 10 abr. 2010. Mineração. Disponível em: < http://www.brasileconomico.com.br/paginas/atendimento-aocliente_78.html >. Acesso em: 11 abr. 2010
- STATOIL. Sinochem to become 40% partner of Statoil in Peregrino oil field in Brazil. Statoil, Noruega, 21 maio 2010. News & Media. Disponível em: < <http://www.statoil.com/en/NewsAndMedia/News/2010/Pages/12MayPeregrino.aspx> >. Acesso em: 22 maio 2010
- TREVISAN, C; ROSA, V. Dilma comemora investimento de US\$ 350 milhões da Huawei. O Estado de S. Paulo, Pequim, 12 abr. 2011. Economia. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110412/not_imp705006,0.php >. Acesso em: 13 abr. 2011
- VEJA. State Grid fecha maior negócio chinês no Brasil. Veja, São Paulo, 17 maio 2010. Economia. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/state-grid-fecha-maior-negocio-chines-brasil> >. Acesso em: 18 maio 2010
- VIEIRA, A. Petrobras fecha acordo de cooperação com a Sinopec. iG, São Paulo, 15 abr. 2010. Indústria. Disponível em: < <http://economia.ig.com.br/empresas/industria/petrobras+fecha+acordo+de+cooperacao+com+a+sinopec/n1237581953516.html> >. Acesso em: 16 abr. 2010
- ZANATTA, M. Estatal chinesa e governo de Goiás acertam parceria. Valor Econômico, Bahia, 9 nov. 2010. Agronegócios. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/impresso/agronegocios/105/333709/estatal-chinesa-e-governo-de-goias-acertam-parceria> >. Acesso em: 10 nov. 2010.

SOBRE O CEBC

QUEM SOMOS

O Conselho Empresarial Brasil-China é formado por duas seções independentes, uma no Brasil, outra na China. Dedicar-se à promoção do intercâmbio econômico Brasil – China e, sobretudo, a fomentar o diálogo entre empresas dos dois países. O CEBC propõe-se a contribuir para um bom ambiente de comércio e investimentos para as empresas dos dois países, assim como entender e divulgar as novas tendências observadas no dinâmico relacionamento Brasil-China. Para tanto, pretende estreitar seu relacionamento com as empresas e instituições que o integram, contando com elas como fontes de informações e sugestões para o entendimento do novo quadro de relações Brasil-China. Atualmente, o CEBC é composto por cerca de setenta das mais importantes empresas e instituições brasileiras e chinesas com investimentos e negócios nos dois países.

ASSOCIADOS

SEÇÃO BRASILEIRA

Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) | Algar | Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústrias de Base (ABDIB) | Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE) | Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC) | Banco do Brasil | Bradesco | BRF Brasil Foods | Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) | Chery Brasil | China Invest | Columbia Trading | Comexport | Embraer | Ernst & Young | Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso (FIEMT) | Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) | Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC) | Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) | Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) | Felsberg e Associados | Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) | Grupo Multi | GDK S/A | Huawei | Instituto Aço Brasil-IABr | Itaú BBA | Machado Meyer Sendacz Opice | Odebrecht | PwC | Sertrading | Standard Bank | Steinweg Brasil | Suzano Papel e Celulose | TozziniFreire Advogados | Usiminas | Vale | Veirano Advogados

SEÇÃO CHINESA

Aluminum Corporation of China Limited | A&W (Shanghai) Woods Co. Ltd | Baosteel Group Corporation | China Aviation Industry Corp. (AVIC II) | China Forestry Group Corporation | China Civil Engineering Construction Corporation | China Railway Construction Corporation Limited | China International Forestry Group | China Metallurgical Group Corporation | China Minmetals Corporation | China National Cereals, Oils & Foodstuffs Corporation | China Nonferrous Metal Industry's Foreign Eng. & Construction Co. | China North Industries Corp. | China International Trust and Investment Corporation (CITIC) | Dongguan Nine Dragons Paper Industries | Fujian Electronics & Information Group | GREE Electric Appliances | Guosen Securities | Huawei Technologies | Jiangyin Chengxing Industrial Group | Nine Dragons Paper (Holdings) Ltd | Nucotech Company Limited | Qingdao Rulong International Trading Co. Ltd | Shanghai Anxin Flooring Co. | Shanghai Baosteel Group Corporation | Shanxi Dajin International | ShanXi Foreign Investment & Trade Group | Sinopec | Xinxing Ductile Iron Pipes Group | Yankuang Group | Yongcheng Coal & Electricity Group Co.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DO CEBC

CARTA BRASIL-CHINA

Reúne análises e reflexões acerca dos principais tópicos da agenda bilateral.

CHINA-BRAZIL UPDATE

Tem por objetivo divulgar iniciativas desenvolvidas por diversas instituições no Brasil e na China reunindo, sob a ótica empresarial, os principais dados e fatos da agenda econômica bilateral.

NOTÍCIAS DO CEBC

Tem o objetivo de informar sobre as principais atividades e projetos desenvolvidos pela secretaria executiva do CEBC.

CONTATO SECRETARIA EXECUTIVA

cebc@cebc.org.br

+55 21 3212-4350

DIRETORIA SEÇÃO BRASILEIRA

DIRETOR PRESIDENTE

EMBAIXADOR SERGIO AMARAL

*Ex-Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e
Sócio do Felsberg & Associados*

VICE-PRESIDENTE

FÁBIO SPINA

Consultor Geral e Relações Institucionais da Vale

DIRETORES

ALEXANDRE YAMBANIS

Diretor Executivo da Unidade de Negócios Celulose da Suzano

ALFREDO DE GOEYE

Presidente da Sertrading

ANTONIO AUGUSTO DE TONI

Diretor Geral da Área Internacional da BRF - Brasilfoods

FERNANDO ALVES

Presidente da PwC

HORACIO ARAGONÉS FORJAZ

Vice-Presidente Executivo de Assuntos Corporativos da Embraer

MAURI SEIJI ONO

Diretor Corporativo de Estratégia da Algar

PEDRO FREITAS

Sócio do Veirano Advogados

ROBERTO MILANI

Vice-Presidente da Comexport

